



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Nívea Caixeta Veloso

**CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO PLATÔNICO PARA A
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Uberaba, MG
2017

Nívea Caixeta Veloso

**CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO PLATÔNICO PARA A
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, curso de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista.

Uberaba, MG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Referência da Biblioteca Central da
UNIUBE [GAB1]

Nívea Caixeta Veloso

**CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO PLATÔNICO PARA A
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, curso de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista.
Universidade de Uberaba–UNIUBE

Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus.
Universidade de Uberaba–UNIUBE

Prof. Dr. Osvaldo Dalbério dal Bello
Universidade Federal do Triângulo Mineiro–UFTM

O ideal de educação não é formar o indivíduo que, centrado em seu absoluto, vive somente para si mesmo. O ideal de educação é, sobretudo, formar o indivíduo cidadão participante e atuante em uma comunidade.

Platão.

A minha família pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que tornaram possível a realização desta dissertação, em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista, pelas sábias observações no decorrer desta caminhada acadêmica, pela paciência e orientação, e por acreditar que eu conseguiria chegar ao final.

Aos professores que aceitaram o convite para participar da Banca Examinadora deste trabalho que certamente trouxeram ricas sugestões que se tornarão de suma importância para o fechamento e protocolo da dissertação junto à coordenação do curso.

Aos professores do curso por compartilhar conosco seus conhecimentos e nos ensinar a buscar os nossos.

A minha família, pela força e compreensão pelos momentos em que não pude estar presente ou disponível a eles. Em especial a amiga e confidente Maria Donizeti de Andrade.

A todos aqueles que, de uma forma direta ou indireta, participaram e/ou contribuíram na caminhada do curso e da pesquisa.

RESUMO

Os mitos podem ser entendidos enquanto representações de verdades construídas na mente humana. Para a pessoa que o vivencia, o mito é uma forma de realidade. Este contexto leva-nos a refletir sobre mito no processo da educação no Brasil atual. Diante do exposto, esta pesquisa tem como problemática de investigação: quais contribuições o pensamento de Platão, a partir do mito da *Alegoria da Caverna*, trouxe para a educação contemporânea? Para responder esse questionamento, traçamos como objetivo geral identificar as contribuições do pensamento do filósofo Platão para a educação brasileira contemporânea. Os objetivos específicos buscam discorrer sobre o pensamento platônico por meio de uma contextualização com enfoque no mito; explanar a *Alegoria da Caverna*, buscando seus aspectos filosóficos, enfatizando a educação e, analisar o mito platônico nos fundamentos da educação contemporânea. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica exploratória, por meio de levantamento, leituras e discussão conceitual em torno do ideário pedagógico, começando pelo filósofo Platão. As conclusões permitem-nos pontuar que os mitos, às vezes, são compreendidos enquanto uma concepção de educação. No entanto, é necessário pensar a educação não como um mito que cria verdades, mas, que é antagônico, quando pensamos a prática. Isto porque esta requer estratégias capazes e eficazes para mediar o processo de ensino e aprendizagem, levando em consideração o ritmo, o tempo, as particularidades do desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do educando. Além disso, demanda uma concepção que entenda a aprendizagem e a educação como direitos de cidadania com consciência e visão crítica, o que tem sido proporcionado pela linha de pesquisa do Mestrado – “Processos Educacionais e seus Fundamentos”.

Palavras-chave: Mito da Caverna. Pensamento platônico. Educação contemporânea.

ABSTRACT

Myths can be understood as representations of truths built in the human mind. For the person who experiences it, myth is a form of reality. This context leads us to reflect on myth in the process of Education in Brazil today. In view of the above, this research has as a research problem: what contributions did Plato think, from the Myth of the Allegory of the Cavern, brought to contemporary education? To answer this question, we have as a general objective to identify the contributions of the philosopher Plato's thought to contemporary Brazilian Education. The specific objectives seek to discourse on the Platonic thought through a contextualization with focus in the Myth; To explain the Allegory of the Cave, seeking its philosophical aspects, emphasizing Education and analyzing the Platonic Myth in the foundations of contemporary Education. The methodology used was exploratory bibliographical research, through a survey, readings and conceptual discussion around the pedagogical ideology, starting with the philosopher Plato. The conclusions allow us to point out that myths are sometimes understood as a conception of education. However, it is necessary to think of Education not as a myth that creates truths, but which is antagonistic when we think about practice, since it requires not only effective and effective strategies to mediate the teaching and learning process, taking into account the rhythm, The time, the particularities of the affective, social and cognitive development of the learner as still a conception that understands the learning and the education as rights of citizenship with conscience and critical vision, which has been provided by the line of research of the Master "Processes Educational and its Foundations. "

Key words: Myth of the Cave. Platonic thinking. Contemporary education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO PLATÔNICO: MITO E FILOSOFIA	22
1.1 Definição de mito	24
1.2 Sociedade grega e religião	29
1.3 A poesia na sociedade grega	32
CAPÍTULO 2 - ALEGORIA DA CAVERNA: FILOSOFIA E EDUCAÇÃO	38
2.1 O filósofo Platão	38
2.2 A dialética em Platão, o mundo sensível e das ideias	47
2.3 A Alegoria da Caverna e a produção do conhecimento para a atualidade ..	54
CAPÍTULO 3 - O MITO NOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: O PENSAMENTO PLATÔNICO	63
3.1 Reflexões sobre os mitos encontrados na Educação atual	64
3.1.1 O ritmo e o tempo de aprendizagem de cada aluno	69
3.1.2 Utilização de planejamentos e metodologias na prática pedagógica	75
[GAB2]	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

A sociedade vem permeando e vivendo diversas mudanças cada vez mais intensas em razão da tecnologia moderna e da globalização da economia que acaba por influenciar não só os aspectos econômicos, mas também o político, social, educacional e cultural. Nesse contexto, encontra-se a educação que se torna objeto de reflexões no presente estudo.

O indivíduo, em linhas gerais, desde a sua infância, recebe uma educação, seja ela formal ou não formal, sem muitos questionamentos e reflexões daquilo que esteja sendo exposto ou ensinado. Isso leva a um processo de passividade e não questionamento a este processo. Com o decorrer do tempo, esse processo se consolida como forma de apreensão do conhecimento. No entanto, o conhecimento capaz de transformar e formar o indivíduo é aquele elaborado por ele e não para ele; e, ainda, que seja permeado por uma visão crítica. Nesse sentido, os indivíduos representam o mundo através do pensamento que se expressa por meio simbólico.

É pertinente destacar que o ser humano é diferente dos animais que estão como seres já dados como prontos na natureza e, portanto, fechados. Com base nessa premissa, Teixeira (1999) descreve que, quanto aos seres humanos, estes “trazem consigo o imperativo de crescer sempre mais no seu ser.” Através da relação e na relação, existe a possibilidade de tornar-se sempre mais e melhor. Essa possibilidade aberta ao homem nós chamamos de educação (TEIXEIRA, 1999, p. 24).

O processo educacional implica a aprendizagem de conteúdo, ou melhor, envolve alguma forma de aprendizagem. A aprendizagem do ser humano constitui um processo fundamental, especialmente, quando levamos em consideração a vida em sociedade, na comunidade, na nação. Isto porque, por meio da aprendizagem, o indivíduo firma-se como ser racional, forma sua personalidade e se prepara e se forma como cidadão. O indivíduo se prepara e se forma. A busca é uma preparação, a produção de conhecimentos é a formação.

Nessa perspectiva, a educação é o caminho por meio do qual os indivíduos aprendem e compreendem conteúdos valiosos para sua formação cidadã. Não há

possibilidade de haver educação sem que haja aprendizagem. Jaeger (2013, p. 4) elucida que:

toda educação é o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa da vida e do crescimento da sociedade, tanto no seu desenvolvimento exterior quanto no seu desenvolvimento espiritual.

A produção de conhecimentos pode ser caracterizada como uma atividade que tem por objetivo promover a formação social e científica do indivíduo e deve ser praticada visando respeitar a integridade intelectual dos discentes.

Desse modo, a ação de mediar a aprendizagem possibilita que cada educando desenvolva seu próprio conhecimento aguçando curiosidades, vontade de conhecer, aprendendo a pensar de modo crítico e a desenvolver suas ideias.

O processo de educação, ou seja, de ensino e aprendizagem constitui, entre outros aspectos, uma troca que envolve influência interpessoal com o propósito de promover mudanças. Neste processo, as pessoas se interinfluenciam direta ou indiretamente, com o objetivo de atingir, por meio de atividades variadas, resultados determinados. Essa ação implica uma dialética em cujo contexto situa-se também a filosofia que possibilita aos indivíduos desenvolver a sensibilidade para a lógica e a linguagem usada ao serem formuladas soluções para os problemas.

Assim, dentro das especificidades da filosofia se destaca o ato de pensar, de refletir e de se formar enquanto um indivíduo crítico, autônomo e criativo, seja em educação ou em outras atividades. Permite examinar as diferenças e disputas intelectuais da época e sugerir reflexões críticas. Nesse cenário, encontramos a educação que, para Platão, significa o incentivo à filosofia, assim como o amor ao saber, uma revolução psíquica capaz de promover transformações política e social (SCOLNICOV, 2006).

A história da filosofia, desde os primórdios, vem suscitando questões a partir de vários aspectos como o ser do mundo, do homem, os deuses, entre outros. Nesse sentido, cada momento histórico acabou produzindo um tipo de pensar devido a fatores que influenciaram a sociedade, tais como guerras, conquistas, economia, entre outros. É possível compreender que a cultura ocidental exprime um

modo clássico de representação e, de uma forma distinta, demonstra seu legado advindo da Grécia Antiga.

A filosofia nasceu como libertação do *logos* em relação ao “mito” e à “fantasia”. Os sofistas fizeram uso funcional do mito. Porém, Sócrates condenou esse tipo de uso do mito, exigindo o procedimento rigorosamente dialético (REALE; ANTISERI, 2003, p. 136).

Importante salientar que os sofistas eram os filósofos que pertenceram à “Escola Sofística” (sec. IV e V a.C), composta por um grupo de sábios e eruditos, os quais dominavam técnicas de retórica e discurso. O termo “Sofista” significa sábio (TEIXEIRA, 1999). Nesse sentido, “o autoconhecimento do ser humano era um dos elementos fundamentais preconizados pela educação socrática: “Conhece-te a ti mesmo”. E é desta célebre fase, “inscrita no templo de Apolo, Sócrates faz o programa de sua vida e a recomendação básica feita aos seus discípulos” (TEIXEIRA, 1999, p. 21-22).

Há séculos, o homem vem trabalhando seu viver e dessa forma consegue eliminar o que é inútil e se unir ao útil. Assim, cada vez mais, aperfeiçoa os aspectos e fatores essenciais ao melhoramento de sua adaptação ao meio em que necessita viver. Por esta razão, a presença da filosofia, desde seu surgimento, tornou-se indispensável na experiência humana de história de vida.

Desse modo, em diferentes campos do saber, é estruturada uma grande maturidade intelectual, social, cultural que vem ao longo da trajetória humana ocidental, imprimindo profundas marcas na sua evolução e concepção histórica e conceitual. Platão marcou uma era que influenciou toda a forma de conhecer, de crer, de crescer como pessoa; foi o broto da filosofia metafísica que mudou os paradigmas de quatro épocas.

A filosofia – amor por sabedoria – tem por objeto a totalidade das coisas (toda a realidade, o “todo” e nisto confina com a religião; usa método racional, e nisto tem contato com a ciência (com a qual por certo período se identifica); além disso, tem como escopo a pura “contemplação da verdade”, ou seja, o conhecimento da verdade enquanto tal, e nisso se diferencia das artes, que têm o intuito prevalentemente prático (REALE; ANTISERI, 2003, p. 11).

Compreendemos que a filosofia trata de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e assim como a linguagem.

A filosofia contempla a verdade, enquanto aspiração natural do homem, vendo-a como fundamento da moral e também da vida pública no seu mais alto sentido; e os filósofos consideram-na o momento supremo da vida do homem, a fonte da verdadeira felicidade (REALE; ANTISERI, 2003).

Na concepção platônica, a filosofia corresponderia a um método para se atingir o ideal em todas as áreas pela superação do senso comum, estabelecendo o que deve ser aceito por todos, independentemente de origem, classe ou função. É isso que significa a universalidade da razão. A prática filosófica envolve assim, em certo sentido, o abandono do mundo sensível e a busca do mundo das ideias (PLATÃO, 2013).

Ao nos atermos à filosofia ocidental, cujos pressupostos é o que nos interessa para este estudo, destacamos que sua história é delineada pelas ideias, sendo estas, “um patrimônio para não ser dissipado, uma riqueza que não se deve perder” (REALE; ANTISERI, 2003, p. V).

O ato de filosofar permite-nos procurar os valores que dão sentido à vida e aprender a dimensionar e compreender o meio social em que vivemos e como vivemos. O pensamento filosófico se manifesta no ser humano, enquanto forma de entendimento, que propicia a compreensão da existência revelando significados e direcionamentos para nossas ações.

Temos que “a filosofia despoja-se de um caráter de revelação absoluta que, às vezes, lhe foi atribuído, saudando na jovem ciência [...] a razão intemporal que veio encarnar-se no tempo” (VERNANT, 2011, p. 141). Assim, a filosofia estabelece um quadro organizado e possibilita o entendimento que se articula com a vida humana, agregando orientações coerentes de visão de mundo.

Quanto ao conteúdo, Reale e Antiseri (2003) afirmam que:

A filosofia quer explicar a totalidade das coisas, ou seja, toda a realidade, sem exclusão de partes ou momentos dela. A filosofia, portanto, se distingue das ciências particulares, que assim se chamam exatamente porque se limitam a explicar partes ou setores da realidade, grupos de coisas ou de fenômenos (REALE; ANTISERI, 2003, p. 11).

No que se refere ao método, a filosofia procura ser “explicação racional daquela totalidade que tem por objeto. O que vale em filosofia é o argumento da razão, a motivação lógica, o *logos*” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 11).

Os autores ainda acrescentam que “não basta à filosofia constatar, determinar dados de fato ou reunir experiências: ela deve ir além do fato e além das experiências, para encontrar a causa ou as causas apenas com a razão” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 11). Este é o caráter que confere cientificidade à filosofia.

Vale salientar que enquanto as ciências particulares são pesquisa racional das realidades e setores particulares, a filosofia, é pesquisa racional de toda a realidade, isto é, do princípio ou dos princípios de toda a realidade (REALE; ANTISERI, 2003).

É possível traçar a história das ideias de acordo com o desenvolvimento do pensamento filosófico e, nesse cenário, refletir sobre a educação da Antiguidade pensada por Platão até a atualidade. Muitas vezes, a sociedade teve uma educação transmitida de maneira espontânea. Por essa razão, a filosofia pode proporcionar entendimento dos processos de pensamento e da natureza das ideias, tendo como ponto reflexivo, a educação.

Desde os Grandes Pensadores até a atualidade, muitas trilhas de aproximação são percebidas entre os diversos campos do saber filosófico e da ciência pedagógica, evidenciando-se, desse modo, as possibilidades de “entrecruzamento e de diálogo, de convergências e de aproximações entre os habitantes destes dois espaços de teorização-compreensão da vida, do homem e do mundo” (OLIVEIRA, 2012, p. 10).

Nesse contexto, torna-se importante salientar que o empenho da filosofia vai além da compreensão do mundo e do indivíduo; mesmo de modo implícito, ela dedica-se à educação e à sua relação com o mundo.

As origens do “pensamento filosófico grego têm sido consideradas, geralmente, dentro do quadro tradicional da história da filosofia” (JAEGER, 2013, p. 190). Podemos rememorar que a filosofia surge como libertação do *logos* em relação ao mito e à fantasia. Os sofistas¹ fizeram uso funcional do mito, embora Sócrates tenha condenado esse tipo de uso, exigindo o procedimento rigorosamente

¹ Os sofistas eram os filósofos que pertenceram à “Escola Sofística” (IV e V a.C), composta por um grupo de sábios e eruditos, os quais dominavam técnicas de retórica e discurso. O termo “Sofista” significa sábio (TEIXEIRA, 1999).

da dialética. Inicialmente, Platão compartilha das premissas socráticas quanto à concepção e uso do mito. Contudo, posteriormente, reavalia e passa a usar o mito, de modo constante, dando-lhe profunda importância.

Platão reavalia o mito a partir do momento em que começa a rever algumas teses fundamentais, especialmente da religião, pois para este filósofo,

Mais do que uma expressão de fantasia, o mito é expressão de fé e crença. Ao chegar a razão aos limites extremos de suas possibilidades, Platão confia à força do mito a tarefa de superar a uma visão ou, pelo menos, a uma visão transcendente (REALE; ANTISERI, 2003, p. 136).

Conforme assinalam os teóricos acima, “se quisermos entender Platão, devemos preservar a função e o valor do mito” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 136). Acrescentamos a essa prerrogativa o fato de entendermos a filosofia ocidental por meio, dentre outros, do pensamento e da produção de Platão na Grécia Antiga.

Para melhor compreensão, tomamos o conceito de filosofia que, segundo Reale e Antiseri (2003, p. 11), esta ciência busca “explicar a totalidade das coisas, ou seja, toda a realidade, sem exclusão de partes ou momentos dela”. Desse modo, a filosofia se distingue das ciências particulares, que assim se chamam porque se limitam a explicar partes ou setores da realidade, grupos de coisas ou de fenômenos. A filosofia, “portanto, propõe-se como objeto a totalidade da realidade do ser²”.

Diante disso, cabe ao filósofo acompanhar, reflexiva e criticamente, a ação pedagógica de modo a promover a passagem de uma educação guiada pelo senso comum para uma formação científica baseada na reflexão e criticidade.

Conforme pontua Oliveira (2012, p. 10), a “prática educativa encerra em seu interior uma visão do homem e do mundo e, portanto, inclui uma posição filosófica definida, mesmo que tal posição não seja objeto da consciência dos envolvidos no processo educativo”.

Compreendemos que a educação consiste em uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica, para que sirva de base para a produção de saberes e formação do indivíduo. Sendo assim, a prática pedagógica encontra-se em articulação com uma pedagogia, que consiste em uma concepção

² REALE; ANTISERI, *Ibidem*, p. 11).

filosófica da educação. Partindo do pressuposto destacado, a filosofia é um campo de entendimento e, ao nos apropriarmos dele, temos a oportunidade de refletir sobre nossa visão de mundo cotidiana.

A filosofia da educação desempenha papel importante para denunciar as formas ideológicas construídas e constituídas, devido ao seu poder de questionamento sobre o que seja educação, não permitindo dogmas e ortodoxia. Essa realidade envolve uma visão pedagógica, até porque esta esteve presente no pensamento de vários filósofos desde a Antiguidade. Para Platão, a filosofia tem uma dimensão pedagógica essencial.

A educação pode ser compreendida como o processo através do qual, indivíduos adquirem domínio e compreensão de conteúdos de modo científico. Ressaltamos, aqui, que esse processo não ocorre só com conteúdos estritamente intelectuais ou cognitivos, mas todo e qualquer tipo de habilidade, cognitiva ou não. Para que um processo seja caracterizado como educacional, é necessário que esse domínio envolva uma compreensão dos conteúdos. E também que o indivíduo, além de dominar certos conteúdos que, no caso, constituem normas sociais e valores culturais, venha a compreendê-los, entender sua razão de ser, e primordialmente aceitá-los somente após investigação minuciosa e que abranja as normas e os valores em questão e possíveis alternativas (SAVIANI, 2009).

No contexto situado acima, podemos compreender que, no setor educacional, os profissionais, especialmente os docentes, encontram-se diante do desafio de proporcionar oportunidades de desenvolvimento de uma flexibilidade intelectual, de sensibilidade e de abertura para o novo, de reflexão face à atitude crítica e construtiva frente aos impasses que lhes são apresentados. Vislumbra-se que a educação brasileira possa contar com a atuação efetiva e competente de educadores transformados e transformadores, na perspectiva da formação de sujeitos autônomos, reflexivos, críticos e capazes de intervir na sociedade de que participam.

Pretendemos tecer algumas análises e reflexões acerca da educação, na atualidade, numa perspectiva que envolve a filosofia. Mais especificamente, focaremos no pensamento do filósofo Platão, uma vez que, a filosofia está presente nas decisões que tomamos e nas estratégias que implantamos. Saviani (2009. p.

27), afirma que “a filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta”.

Nesse contexto, podemos pensar a filosofia da educação, tendo como principal tarefa algumas reflexões. Entre elas, podemos citar o exame dos princípios básicos, dos objetivos, dos valores que prevalecem em nossa cultura e que norteiam, atualmente, a educação em nosso país, a reflexão crítica sobre eles e sobre a realidade social, econômica e cultural que envolve o processo educacional.

Ao correlacionar filosofia e educação, somos remetidos a uma reflexão global sobre os problemas educacionais, uma vez que estes envolvem sempre a própria realidade. A filosofia da educação apenas não os considera em si mesmos, mas enquanto imbricados no contexto educativo. A prática educativa remete a uma concepção de homem e essa prática faz parte da Paideia enquanto projeto educativo.

A Paideia, de acordo com Jaeger (2013), na Grécia Antiga, era um processo de educação em sua forma verdadeira, a forma natural e genuinamente humana. O termo diz respeito ao *ethos* (hábitos) assim como está relacionado à cultura construída a partir da educação, ou mesmo um legado deixado de geração para geração.

Desse modo, podemos nos remeter à filosofia da educação que possibilita analisar esta última com indagações que apontam para a necessidade de uma reflexão sistemática, as relações existentes entre conhecimento, educação, democracia; educação e as chamadas potencialidades do indivíduo; educação e profissionalização. Para esse aspecto, é pertinente reiterar que, historicamente, a abordagem filosófica antecedeu a abordagem científica. E assim, a Filosofia também se ocupou, desde sua origem, da educação.

A Paideia de Platão traz, em sua essência, o ideal educacional cujo propósito era a formação integral da pessoa, ou seja, o pleno desenvolvimento de suas capacidades e dons naturais, para atuar de forma justa e correta, criando uma sociedade ideal. Nessa perspectiva, a Paideia em Platão, assume a forma filosófica que se lança ao problema da verdadeira educação. Platão foi “o verdadeiro filósofo da Paidéia” (JAEGER, 2013, p. 477), valendo destacar que Paideia é um termo grego para educação.

A elaboração de sentidos para a existência humana permite refletir sobre a melhor forma de se tornar sujeito ativo no meio social. A filosofia, nesse sentido, constitui um dos aspectos principais de todo o processo educacional em suas diversas modalidades. A filosofia e a educação se vinculam no tempo e no espaço; permitem refletir sobre nossa existência e nossas ações.

A reflexão filosófica vinculada à educação remete à pedagogia que permite a compreensão de valores que direcionam a prática educacional. Desse modo, uma proposta pedagógica requer o conhecimento de proposições filosóficas.

Diante do exposto, sentimo-nos instigada a investigar essa relação. Daí o objeto desta pesquisa é o ideário platônico, a partir do mito, na educação contemporânea brasileira. É de grande relevância, neste presente trabalho, pesquisar o pensamento de Platão, filósofo grego que viveu entre os anos 427 a 347 a. C. (TEIXEIRA, 1999), especialmente, sua teoria a respeito da educação, tendo como ponto de partida de análise o *Mito da Caverna*, além de considerar seu pensamento e seus ensinamentos como uma teoria clássica.

Esta proposta de estudo surgiu da reflexão acerca das afinidades existentes entre filosofia e educação na trajetória histórica ocidental. Esse desejo foi despertado nesta pesquisadora, ainda no curso de Graduação em Pedagogia, precisamente, ao estudar a Disciplina “O ser humano e suas dimensões”, no capítulo que abordava a filosofia. Já naquela época, ansiávamos por compreender as contribuições da filosofia no tocante à educação como meio de transformação do indivíduo.

Outro ponto motivador da pesquisa foi o fato de que, como profissional da educação, na medida em que nos desvencilhamos das intempéries, temos vislumbrado novas perspectivas. E essa busca nos leva ao emprego da pesquisa, ao ato de questionar verdades prontas e acabadas tanto na vida pessoal quanto profissional.

A temática perpassa a ontologia platônica, abordando a questão dialética como proposta construtiva da educação, levando o indivíduo a uma reflexão transformadora de si mesmo. Considerando a mentalidade da época, buscamos no pensamento de Platão, a educação como caminho para a formação de um tipo de indivíduo elevado. Uma vez que, compartilhando dos pressupostos de Jaeger

(2013), entendemos que o conhecimento pensado, ainda na formação grega, constitui base fundamental para o refletir sobre a educação atual.

O filosofar é mais decisivo do que a filosofia, Platão não ensina filosofia, ele procura dialeticamente a verdade. A filosofia é matéria, o filosofar é forma, método. O filosofar implica desenvolver argumentos, conduzir processos dialéticos do conhecimento e, ainda, tomar decisões, definir condutas, estabelecer modos de viver, assumir visões do mundo (PAVIANI, 2008, p. 25).

Platão configura a estrutura de um movimento dedutivo real, qual é o processo em que o próprio real deduz constitutivamente o seu fundamento, processo em que reside o eixo central da Ontologia. Esse filósofo desenvolveu a ideia de que o homem vive, permanentemente, de modo dual, isto é, em duas realidades: a inteligível e a sensível. A inteligível não é imutável, igual a si mesma. A sensível refere-se a todas as coisas que alcançam os sentidos. A ontologia platônica, como conhecida a partir das obras *Fédon* e *A República*, está centrada na hipótese das formas inteligíveis.

Nessa perspectiva, a problemática norteadora da pesquisa foi conduzida com base no seguinte questionamento: a partir do mito da *Alegoria da Caverna*, quais contribuições o pensamento de Platão acrescenta à educação contemporânea?

Consideramos que o mito tratado por Platão, a partir da *Alegoria da Caverna*, possibilita refletir sobre a educação na atualidade, ao retomarmos a metáfora presente na narrativa platônica. Ressalta-se, nessa direção, a tentativa de mostrar que os seres humanos ainda estão muito limitados quanto ao potencial da própria espécie e ao verdadeiro conhecimento ou sabedoria.

Neste estudo, temos como pressuposto, o mito enquanto como uma metáfora criada pelo filósofo Platão, na Antiguidade grega, buscando explicar a ignorância em que viviam as pessoas, destacando o que seria preciso para se atingir o verdadeiro, o mundo real. Em perspectiva semelhante, buscamos o mito platônico e o adotamos para compreender a educação na contemporaneidade. Propomos pensar aspectos atuais que norteiam este setor, na tentativa de tirar as pessoas dos grilhões da caverna, uma condição clássica quando pensamos a Grécia Antiga, ou seja, onde Platão desenvolveu seu ideário que vem se mantendo vivo ao longo da história.

Na busca por responder à questão que norteia esta pesquisa, traçamos como objetivo geral: identificar as contribuições do pensamento do filósofo Platão para a educação brasileira na contemporaneidade. Os objetivos específicos propõem discorrer sobre o pensamento platônico por meio de uma contextualização com enfoque no mito e na filosofia; apresentar a Alegoria da Caverna com ênfase na filosofia e na educação; analisar o mito platônico nos fundamentos da educação contemporânea.

A importância da presente pesquisa se assenta, especialmente, por se tratar da busca de uma fundamentação teórico-filosófica, levando-nos a uma proposta de educação que oportunize ao indivíduo a reflexão acerca dos direcionamentos desta área, partindo do pressuposto de que, se aquela se constitui o exercício filosófico por excelência, a filosofia é a mais nobre forma de educação.

A relevância em buscar, em Platão, sua compreensão da construção do conhecimento norteia-se em seu ideário pedagógico. Uma das fontes da construção do conhecimento acontece pela educação, que deveria ser um constante exercício filosófico por excelência, uma vez que a filosofia possibilita exprimir problemas e questões vivenciadas pela sociedade em cada época da história. Isto faz com que os homens voltem para si mesmos, frente ao que é novo e ainda não foi compreendido.

A *Alegoria da Caverna* – livro VII, obra *A República*, de Platão –, constituída por um dos diálogos mais clássicos da filosofia grega, foi escolhida como principal referência teórica para este estudo, em razão de trazer a dialética observada na “saída do homem” [GAB3] da caverna, constituindo-se o mito que, neste estudo, é transportado para a educação nos dias atuais.

A abordagem metodológica utilizada para realizar a investigação proposta foi a pesquisa bibliográfica que consistiu no levantamento e discussão conceitual em torno do ideário pedagógico em Platão sobre mito e educação. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008), proporciona maior familiaridade com o problema, pois remete o pensamento platônico, desde o mito da *Alegoria da Caverna*, à educação contemporânea, dentro de um estudo bibliográfico.

Para Gil (2008), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado, pelo fato de ela se processar por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Mesmo se tratando de uma pesquisa bibliográfica, seus fundamentos teórico-metodológicos nos permitem avançar para uma proposta que oportunize ao indivíduo a reflexão acerca dos direcionamentos educacionais.

Ainda segundo Gil (2008), a pesquisa científica é o resultado de uma investigação minuciosa, realizada com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos.

Inicialmente, realizamos o levantamento de referências teóricas publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, dissertações e teses selecionados conforme o objetivo desta investigação, ou seja, o pensamento platônico no tocante ao mito da Alegoria da Caverna e a educação, com foco no momento contemporâneo.

O referencial teórico baseia-se, principalmente, nos textos das obras de Platão (2013; 2008; 2007; 2005a); Abbagnano (2014) Jaeger (2013); Teixeira (2011); Paviani (2008); Scolnicov (2006); e Reale e Antiseri (2003).

O trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro, intitulado “Contextualização do pensamento platônico: mito e filosofia”, buscamos descrever como o mito evoluiu ao longo da história, a partir da Grécia Antiga (valor pedagógico do mito) fábula ou censo comum considerado como sendo a primeira navegação.

No segundo capítulo, que recebeu o título de “Alegoria da Caverna: filosofia e educação”, propomos-nos a contextualizar a vida de Platão e, resumidamente, o período histórico em que viveu. Destacamos, aí, uma de suas grandes obras, *O Mito da Caverna* ou *Alegoria da Caverna* e, em linhas gerais, buscamos explicar o que Platão quis ensinar com este diálogo, o que ele pretendia com esses ensinamentos e extrair o aprendizado, conforme as necessidades, na atualidade, fazendo a releitura do mito.

No terceiro e último capítulo, “O mito nos fundamentos da Educação na contemporaneidade: o pensamento platônico”, traçamos uma análise crítica sobre a educação nos dias atuais, tendo, como base, a teoria de Platão, destacada desde a *Alegoria da Caverna*. Buscamos abordar perspectivas que se mantêm ou se

sustentam por meio do mito platônico na contemporaneidade, levando em consideração a filosofia de Platão.

Por fim, tecemos algumas considerações acerca da investigação proposta e realizada, procurando responder o problema da pesquisa e alcançar os objetivos em torno da contribuição da filosofia de Platão para o sistema de educação contemporâneo.

A fim de promover continuidade à presente proposta de estudo, a seguir, debruçamo-nos a realizar uma contextualização do pensamento de Platão, tendo como pano de fundo, o mito e a filosofia na Antiguidade grega.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO PLATÔNICO: MITO E A FILOSOFIA GREGA

A mitologia, no sentido mais amplo, e de forma especial, a grega, teve grande influência no desenvolvimento intelectual da sociedade do ocidente. Podemos considerar uma contribuição propedêutica, ou seja, uma ciência preliminar, uma fase preparatória e indispensável à evolução científica, hoje, em seu auge.

A colaboração da mitologia e da filosofia, desde a Grécia Antiga, impulsionou o início do pensar de uma sociedade que, ao longo da história, teve como estrutura uma base religiosa, cultural e educacional em sua formação.

Para este estudo, interessa-nos contextualizar o pensamento platônico, correlacionando o mito e a filosofia a partir da Grécia Antiga, para compreender o ideário pedagógico de Platão na educação contemporânea. “A civilização grega, como nós a recebemos ao longo da tradição ocidental, floresce a partir do século VIII a.C., e é em algum lugar da Jônia que vemos alvorecer as primeiras manifestações da inteligência grega” (TEIXEIRA, 1999, p. 11).

A contextualização do pensamento platônico requer um pouco da apresentação da história da Grécia Antiga. O estudo auxilia na compreensão do modo de vida e pensamento da sociedade grega e, neste estudo, colabora para se entender e situar o conceito de mito, entre outros aspectos relevantes para nossa pesquisa. O clima de liberdade e de troca de ideias existente na maioria das cidades gregas favoreceu o desenvolvimento da filosofia, na Grécia.

O aparecimento da filosofia na Grécia não foi um fato isolado. Estava ligado ao nascimento da pólis: a partir do período arcaico, os gregos procuraram organizar sua vida na cidade tomando conta de seu próprio destino; ao mesmo tempo, procuravam entender o universo em que viviam. A religião e o mito perderam a força, cedendo lugar ao pensamento lógico (REDE, 2007, p. 36).

De modo simplificado, destacamos que a filosofia busca tudo o que existe: os seres humanos, o mundo, os acontecimentos. Entre os principais filósofos do mundo grego, entre os séculos V e IV, estão Sócrates, Platão e Aristóteles, lembrando que Platão é discípulo de Sócrates, para quem o meio ideal para se chegar ao conhecimento era o diálogo.

Inicialmente, construía-se esse saber por meio de perguntas inteligentes, levando a pessoa a reconhecer que desconhecia o assunto. Em seguida, aos poucos, ia levando a pessoa a pensar sobre suas próprias afirmações até chegar a uma conclusão racional ou a uma definição.

Nessa direção, depois da convivência de muitos anos com Sócrates, Platão fundou uma escola de filosofia denominada Academia. Nesta escola, estudava-se filosofia, matemática e ginástica. Na concepção platônica, o mundo dos fenômenos (aquilo que podemos ver ou tocar) não passa de uma ilusão. Em contrapartida, o mundo das ideias é verdadeiro e, nele, é possível encontrar as ideias universais de Verdade, de Bem, de Bondade, de Justiça, entre outros. Para Platão, a mais importante das ideias é a do Bem.

Embora não seja o foco desta pesquisa, mas discorrer sobre Aristóteles, um discípulo de Platão é também contextualizar o pensamento na Grécia Antiga. Aristóteles frequentou a escola de Platão, embora discordasse da existência de ideias universais. Aristóteles considerava necessário testar a validade das ideias, e o único meio para isso era a experiência.

É oportuno salientar que as principais informações escritas sobre a Antiguidade grega são encontradas em dois longos poemas: *Ilíada* e *Odisseia*, atribuídos ao poeta Homero. Vale enfatizar que *Ilíada* narra a Guerra de Troia e a *Odisseia* narra as aventuras do herói grego Ulisses.

Os gregos, assim como muitos povos da Antiguidade, acreditavam em diversos deuses, sendo, portanto, politeístas. Acreditavam que seus deuses viviam no alto do Olimpo. Por essa razão, a palavra Olimpo passou a ser sinônimo de céu, lugar onde reina a felicidade.

Os deuses eram semelhantes aos seres humanos, pois guerreavam entre si, sentiam ódio, amor, ciúmes, inveja, casavam-se e tinham filhos. Os gregos acreditavam que os deuses podiam tanto favorecer quanto prejudicar os seres

humanos. Por essa razão, quando queriam agradecer um deus ou uma deusa, ofereciam-lhes presentes, orações, festas.

Cada cidade grega cultuava seus deuses e construía templos e santuários especialmente para eles. Ao longo do ano, os gregos faziam festas religiosas com procissões, cultos e oferendas aos deuses da cidade a fim de obter favores e proteção.

Além de deuses, os gregos tinham o hábito de cultuar heróis. O herói era filho de alguma divindade com um mortal ou uma personalidade admirada e respeitada por seus feitos.

Nesse contexto, os gregos criaram mitos, envolvendo seus deuses e heróis. O conjunto de mitos de um grupo ou povo recebe o nome de mitologia. Torna-se necessário lembrar que a mitologia grega é rica e bastante variada.

1.1 Definição de mito

Para conceituar mito, precisamos nos descolar de nosso tempo, pois essa palavra passou por mudanças semânticas, que lhe atribuíram uma conotação negativa. Historicamente, esse vocábulo foi usado na acepção de algo fantasioso, inventado e mentiroso. Também, sabemos que os vocábulos passam por ressignificações e novas acepções. O mito tal qual conhecemos, grosso modo, trata-se de uma afirmação ou narrativa não verdadeira ou inventada, tornando-se uma fabulação.

Nesse sentido, a compreensão da palavra mito pede que entendamos o seu contexto e compreendamos seu significado, uma vez que, diacronicamente, este se ampliou. Por isso, se faz necessário buscar um conceito preciso para o termo mito, segundo os grandes pesquisadores da mitologia, para então, chegarmos ao cerne da questão, ou seja, o conceito de mito para além da fantasia e da mentira.

De modo geral, podemos afirmar que os mitos são compreendidos enquanto representações de verdades, formando assim as mitologias que tiveram campo fértil na Grécia Antiga e ainda se encontram na mentalidade de muitos indivíduos ou grupos sociais. Na sociedade grega, a forma mítica antecedia o nascimento do pensamento filosófico, visto que o mito foi para aqueles povos, a

primeira maneira encontrada para explicação da realidade em que se encontravam. O mito encontra força no imaginário coletivo.

Para Platão, o mito constitui a “via humana mais curta para a persuasão; em conjunto, seu domínio é representado pela zona que fica além do círculo estrito do pensamento racional, na qual só é lícito aventurar-se com suposições verossímeis” (ABBAGNANO, 2014, p. 673). Hesíodo (2001) ajuda-nos a entender

A linguagem do mito enquanto objeto de uma experiência numinosa (sagrada) arcaica. Esta experiência da linguagem está profunda e inextricavelmente ligada a uma certa concepção arcaica da linguagem, a uma certa concepção arcaica de tempo, a uma concepção arcaica de Ser e de Verdade (HESIODO, 2001, p. 14).

Na Grécia Antiga, o mito teve sua expressividade cujo legado nos rodeia até os dias atuais. Na busca por significado para os fatos políticos, econômicos, sociais, e, neste estudo, educacionais, os gregos criaram uma série de histórias, de origem imaginativa, que eram transmitidas, principalmente, por meio da oralidade ou da literatura oral.

Nesse contexto, consideramos, segundo Paviani (2008, p. 20) que: “a oralidade é a maneira mais adequada de expressar o próprio pensamento. Afinal, na perspectiva platônica, a compreensão da alma é muito mais decisiva para chegar à verdade do que o simples entendimento da escrita”.

O mito é a narrativa de uma criação que nos conta de que modo algo que não era começou a ser. Assim, pode ser conceituado como a descrição de uma história que, por sinal, é verdadeira, ocorrida nos primórdios, quando tudo passou a existir. Mito, dizendo de outra forma, é o relato da explicação do mundo e da realidade humana. Tais explicações são transmitidas por gerações, exprimidas por meio de uma linguagem sagrada, e contam com a participação e a interferência dos entes sobrenaturais, quando tudo passou a existir, ou seja, relata o evento de um acontecimento quando tudo passou a ser. A principal característica de uma explicação com base no mito é o discurso fabuloso, ilógico, sobrenatural e nada racional.

Na concepção de Vernant (2009), o mito constitui relato; na realidade, um tesouro de pensamentos, assim como formas linguísticas, imaginações cosmológicas e preceitos morais.

Platão narra um mito que apresenta enorme força, representando, de forma simbólica, a situação do homem e sua relação com a filosofia e, concomitante a esse aspecto, demonstra a estrutura da realidade social.

Por meio do mito, narra-se a criação de tudo o que existe, da forma como tudo ocorreu, e como cada ente sobrenatural colaborou com suas atividades e obras para que tudo viesse a existir. Em resumo, compreendemos que os mitos são capazes de descrever diversos fenômenos, acontecimentos, crenças, entre outros aspectos que fundamentam verdades. É importante salientar a dimensão de verdade dos eventos mitológicos, porque o que se relata nesses eventos está ligado à realidade.

O relato mitológico é, antes de tudo, uma representação coletiva que, quando almeja explicar o mundo e o homem, por meio dos eventos dos entes sobrenaturais, sua explanação não pode ser lógica, isto é, embasada em conceitos precisos; ao contrário, é ilógico e irracional.

Mito é um modo de significação, uma forma; por isso, se concebe o mito pelo modo como fala, como se profere. Por ser aquilo que se apresenta na natureza exterior, constitui-se forma visível das personalidades divinas. Nesse contexto, temos uma representação coletiva, um inconsciente coletivo é um legado deixado pelas gerações anteriores, isto é, a herança das vivências dos antigos homens gregos. Assim, o inconsciente coletivo fixa a identidade do homem, seja em qualquer época ou lugar em que ele teria vivido.

Fruto do inconsciente coletivo, as ideias inatas só podiam ser traduzidas na vida real por meio de símbolos, porque, na linguagem verbal e conceitual, não seria possível expressá-las. Ou seja, os símbolos equivaliam às ideias inatas.

Para melhor entendimento sobre o conceito de equivalência e as partes que as envolvem, temos dois termos: signo e símbolo. Signo é um sinal, que pode ser, por exemplo, uma estátua de Zeus. A estátua é um sinal que, por sua vez vai evocar algo muito maior, que é Zeus, o pai dos deuses. Ora o símbolo é aquilo que sugere, e, por sua vez é maior que o signo. A representação simbólica é sempre maior do

que o sinal visível. Podemos afirmar, pois, que os mitos são representações simbólicas da origem do mundo e da humanidade, por meio de imagens.

Para o povo grego, o mito era a única forma para compreender o mundo criado. Conforme a mitologia grega, a origem de todas as coisas podia ser explicada. A abordagem e a conceituação do mito nos remetem a refletir sobre o *Mito da Caverna* em Platão, pois constitui um dos principais aspectos que norteiam a presente pesquisa.

Observamos que, muitas vezes, a influência dos mitos levou uma sociedade a se organizar, orientada por eles, atribuindo valores e explicações sobrenaturais, mas que foram vivenciadas concretamente no dia a dia pelos homens gregos.

Compreendemos, pois, que o *Mito da Caverna* é uma metáfora criada por Platão e consiste na busca por explicar a condição de ignorância em que vivem os seres humanos, destacando o que seria necessário para sair desse estado, passando para o mundo real com base na razão, e não somente nos sentidos.

O *Mito da Caverna* é a explicação, por analogia, da tese platônica, uma vez que, muitos de nossos conhecimentos assemelham-se aos de alguém que está diante de uma fogueira, voltado para o fundo de uma caverna. Diante da fogueira, desfilam as coisas verdadeiras, reais; mas, por estarem às suas costas, não as pode ver diretamente.

Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas (PLATÃO, 2013, p. 296).

Conforme pode ser verificado no trecho da *Alegoria da Caverna* ou *Mito da Caverna*, narrado por Platão, em *A República*, no livro VII, as pessoas ali, só conseguiam perceber suas sombras que eram projetadas no fundo da caverna. E assim, pode-se entender que é este o tipo de conhecimentos que quase sempre se tem, ou seja, as sombras, as imagens; e não, as coisas em si.

Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora? (PLATÃO, 2013, p. 298-9).

As indagações levantadas no texto *Alegoria da Caverna*, expostas acima, incidem em como seria se as pessoas acorrentadas na caverna saíssem de lá e se deparassem, não com o mundo imaginado, mas com a realidade verdadeira; não mais as sombras.

No entanto, um homem sensato lembrar-se-á de que os olhos podem ser perturbados de duas maneiras e por duas causas: pela passagem da luz à escuridão e pela da escuridão à luz; e, tendo refletido que o mesmo se passa com a alma, quando encontrar uma confusa e embaraçada para discernir certos objetos, não se rirá tola, mas antes examinará se, vinda de uma vida mais luminosa, ela se encontra, por falta de hábito, ofuscada pelas trevas ou se, passando da ignorância à luz, está deslumbrada pelo seu brilho demasiado vivo; no primeiro caso, considerá-la-á feliz, em virtude do que ela sente e da vida que leva; no segundo, lamentá-la-á e, se quisesse rir à sua custa, as suas zombarias seriam menos ridículas do que se se dirigissem à alma que regressa da mansão da luz (PLATÃO, 2013, p. 301).

Os aspectos explanados nos possibilitam refletir sobre a educação contemporânea, assumindo assim, seu caráter pedagógico dado por Platão na Antiguidade grega. Platão (2013), ao explicar sobre educação, elucida, assim, o significado do termo:

A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde

deveria, ela esforça-se por educá-lo na boa direção. [...] Mas a capacidade de pensar pertence muito provavelmente a algo de mais divino, que nunca perde a sua força e que, segundo a direção que se lhe imprime [...] (PLATÃO, 2013, p. 302).

O caráter ou função pedagógica do mito platônico nos interessa sobretudo, para pensarmos a educação atual, pois a tradição mitológica mantém-se como referência cultural importante para refletir sobre como se vive e o que vivemos na era contemporânea.

1.2 Sociedade grega e religião

A Grécia da Era dos Mitos foi uma sociedade que conjugava várias dimensões diferentes da realidade humana de forma harmoniosa e inseparável. O religioso não era oposição ao político e vice-versa.

A religião grega possui vasta construção simbólica, complexa e coerente, que abre para o pensamento, como sentimento, seu espaço em todos os níveis, inclusive o culto. O mito, rito, representação figurada – verbal, gestual, por imagem – são formas que pelas quais a experiência religiosa grega se manifesta (VERNANT, 2009, p. 24).

A Grécia Antiga, como já nos referimos, era politeísta, ou seja, os gregos acreditavam em vários deuses. Os deuses gregos tinham formas humanas. Nesse contexto, deuses e homens eram considerados diferentes porque os primeiros eram imortais. A vida humana e a natureza eram regidas pela vontade e a determinação desses deuses; cada um deles representava algo nas atividades humanas ou da natureza.

A crença nos deuses não significava unicamente uma fé, mas uma sensação de pertencimento à comunidade política e o sentimento de ser um cidadão (VERNANT, 2011).

Observamos que o mito grego não encontra espaço e prevalece apenas nos aspectos que alimenta a fabulação; mas também é fortalecido como fonte válida de reconstrução da vida religiosa grega.

Quando se trata de sociedade grega, lembramo-nos de que esta civilização tinha o mito como aspecto de grande importância na vida de seus cidadãos, pois assim, transmitiam mensagens e ensinamentos considerados relevantes.

A religiosidade dos gregos se assentava na mitologia, ao cultuar deuses como elementos que influenciavam os humanos na terra. Cada cidade grega possuía seus deuses e, em sua devoção e homenagem, construía enormes santuários e templos, adorando-os e pedindo-lhes proteção.

Era uma sociedade em que o religioso fazia parte da dimensão social e sua adesão era algo natural, pois se baseava nos costumes deixados pelos seus ancestrais. Essa simbiose é muito bem descrita por Vernant (2009):

Entre o religioso e o social, o doméstico e o cívico, portanto, não há oposição nem corte nítido, assim como entre sobrenatural e natural, divino e mundano. A religião grega não constitui um setor à parte, fechado em seus limites e superpondo-se à vida familiar, profissional, política ou de lazer, sem confundir-se com ela. Se é cabível falar, quanto à Grécia arcaica e clássica, de "religião cívica", é porque ali o religioso está incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis e na diversidade dos seus aspectos, é penetrado de ponta a ponta pelo religioso (VERNANT, 2009, p. 7-8).

Na mente do homem grego, devido à sua concepção divina e mundana, sem oposição e nem rupturas drásticas entre o sobrenatural e natural, a relação entre os membros da cidade era favorecida por uma visão de mundo – baseada nos ritos privado e públicos – que, por si só, dava a orientação de vida.

Os gregos antigos enxergavam vida em quase tudo que estava ao seu redor e, nesse cenário, buscavam explicações para tudo. Fugir desse esquema era considerar-se um ser à parte, porque todos os costumes eram adquiridos naturalmente e por eles regidos enquanto sociedade, como escreve Vernant (2009):

Tanto quanto a língua, o modo de vida, as maneiras à mesa, a vestimenta, o sustento, o estilo de comportamento nos âmbitos privado e público, o culto não precisa de outra justificação além de sua própria existência: desde que passou a ser praticado, provou ser necessário. Ele exprime o modo pelo qual os gregos regulamentaram, desde sempre, suas relações com o além. Afastar-se disso significaria já não ser completamente si mesmo, como ocorreria a alguém que esquecesse de seu idioma (VERNANT, 2009, p. 7).

A religião não era uma opção pessoal, mas uma adesão aos costumes adquiridos e conservados coletivamente, baseados na vivência e na tradição deixadas pelos seus ancestrais. A pessoa já nascia dentro desse sistema sociorreligioso e, se vivesse diferentemente disso, era considerado um estranho. Não se buscava a salvação da alma individualmente. Era uma religião de ordem coletiva, portanto, cada um tinha um papel importante a realizar socialmente, segundo o estatuto social de cada cidadão e segundo a concepção do sagrado.

A religião grega apresentava também um caráter educativo. Era hábito dos gregos consultar os deuses por meio dos oráculos; e os deuses se manifestam por meio de uma pitonisa que interpreta pelos sacerdotes encarregados de transmitir as mensagens aos interessados (VERNANT, 2009).

A intervenção dos deuses nos fatos e sofrimentos humanos obriga o poeta grego a sempre levar em conta as ações do homem e o seu destino no mundo, de modo que possa subordinar os acontecimentos à conexão universal do mundo valorizando-os pelas mais altas normas religiosas e morais (TEIXEIRA, 1999, p. 13-14).

As celebrações cultuais eram realizadas segundo o papel de superioridade que os deuses mitológicos exerciam sobre o ser humano devido aos seus estatutos divinos. Tal superioridade dos deuses em relação aos homens fica clara diante da limitação e finitude em que padecem o ser humano, enquanto que os deuses são imortais; portanto, de uma natureza superior. Assim fala Vernant (2009) sobre os deuses:

Os deuses gregos não são pessoas, mas Potências. O culto os honram em razão da extrema superioridade do estatuto deles. Embora pertençam ao mesmo mundo que os humanos e, de certa

forma, tenham a mesma origem, eles constituem uma raça que, ignorando todas as deficiências que marcam as criaturas mortais com o selo da negatividade - fraqueza, fadiga, sofrimento, doença, morte, encarna não o absoluto ou o infinito, mas a plenitude dos valores que importam na existência nesta terra: beleza, força, juventude constante, permanente irrupção da vida (VERNANT, 2009, p. 9).

A superioridade dos deuses era algo indiscutível. Ao se realizar o rito, tal grandeza era firmada diante de uma pluralidade de narrativas, conhecidas por todos. Isso porque, desde pequenos, os gregos já eram iniciados nessas celebrações públicas, de tal forma que se cimentava um consenso seguro nas crenças religiosas em seus deuses. Daí resulta a inserção de valores éticos e morais assumidos pelos cidadãos gregos.

1.3 A poesia na sociedade grega

A tradição oral do mito dentro da sociedade grega teve várias vertentes. A primeira era passada aos filhos desde o berço, pelas mães e cuidadoras. Todo cidadão passou por essa formação inicial e recebeu à tradição religiosa e social por meio da família.

A atividade literária (poesia épica, lírica, dramática) serve de memória social, instrumento de conservação e comunicação do saber, sem a qual não se poderia falar de uma religião grega, mas de vários cultos gregos. A atividade poética devolve ao povo sua própria imagem (VERNANT, 2009, p. 16).

Uma das formas de fixar o conteúdo mitológico foi por meio das poesias. Os poetas ganharam grande importância na sociedade grega, pois narravam as cenas em que as divindades inter-relacionavam com os mortais, e faziam isso por meio de uma linguagem acessível que todos compreendiam e interpretavam. Essas narrativas eram feitas em lugares públicos, durante um banquete ou em eventos importantes da sociedade grega.

Ouve-se o canto dos poetas, apoiado pela música de um instrumento já não em particular, num quadro íntimo, mas em público, durante os banquetes, as festas oficiais, os grandes concursos e os jogos (VERNANT, 2009, p. 16).

A palavra cantada fazia o mundo e o tempo voltarem à sua matriz original e ressurgir com vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez. Os doentes que ouvissem a recitação de cantos cosmogônicos entravam em contato com as fontes naturais da vida e sua saúde era restabelecida, tamanho o poder e o impacto que a força da palavra desempenhava sobre seus ouvintes.

Na antiga Babilônia o rei-cantor entoava, nas festas de Ano Novo, poema narrativo e, por meio desta declamação do canto, pré-municiaava o novo círculo do Ano, o novo ciclo do Mundo, que retomara suas fontes originais, de modo que se refizessem, de novo, no Novo Ano. Tamanho era o poder ontopoético que a palavra cantada tinha multimilenarmente nas culturas orais que, na poesia de Hesíodo, era vista como um poder ontofônico (as palavras cantadas significavam forças divinas nascidas de Zeus Pai e da Memória, que esplendiam luz na vida dos homens, cujo sentido era o vigor o eterno).

Conforme assinala Teixeira (1999, p.13) “a poesia tem vantagem sobre qualquer ensino intelectual e verdade racional”. Por meio da atividade poética, transmitia-se um saber aos seus ouvintes. Destaca-se o papel das cidades, nesse processo de transmissão e de comunicação do saber, por meio da poesia, que, enquanto ela, cidade, se manteve viva, propiciou a continuidade das atividades dos poetas com a função de transmitir a herança que recebera dos ancestrais, aperfeiçoando-a, cada vez mais. Vernant (2009) explica:

Enquanto a cidade permaneceu viva, a atividade poética continuou a exercer esse papel de espelho que devolvia ao grupo humano sua própria imagem, permitindo-lhe apreender-se em sua dependência em relação ao sagrado, definir-se ante os Imortais, compreender-se naquilo que assegura a uma comunidade de seres percíveis sua coesão, sua duração, sua permanência através do fluxo das gerações sucessivas (VERNANT, 2009, p. 19).

Os poetas tiveram essa capacidade de se exprimir e se fixar em uma linguagem simples e fácil de memorizar, formando uma cultura comum, enfocada principalmente no âmbito dos elementos religiosos, tratando-se dos seres divinos, dos heróis e de outras dimensões que envolviam o sagrado. Por meio da poesia, os poetas foram substituindo e utilizando uma hermenêutica mais sofisticada em relação às leituras banais que se conservaram por meio da tradição oral.

Os poetas inseriram assim, nas narrações os ensinamentos divinos por meio dos mitos, sendo coerentes a uma hierarquia de deuses e a suas funções, mas se adaptando ao contexto do momento histórico. Toda poesia se inscreve em um único arcabouço, em uma tradição comum que já fazia parte do inconsciente daquela população.

Vernant (2009) elucida que

Cada narrativa, para ganhar sentido, deve ser ligada e confrontada às outras, porque, juntas, compõem um mesmo espaço semântico cuja configuração particular é como que a marca característica da tradição lendária grega (VERNANT, 2009, p. 25).

A grande habilidade dos poetas era a oralidade, um instrumento fino no dom de transmitir esses saberes. A facilidade de cantar e de declamar em meio ao público, percorrendo os versos poéticos, permitia ao poeta formar e encantar seus ouvintes. Nesse processo de audição do canto poético, o homem grego saía de seu mundo físico, material, para transcender e se lançar na contemplação do sobrenatural, utilizando as imagens e os ensinamentos que delas se evocavam. Disso resulta o grande papel e a valorização do poeta nesse período mítico, pois, por meio da palavra cantada e declamada, rompiam-se os limites e as distâncias, espaciais e temporais entre o humano e os deuses.

Graças ao recurso da escrita, alguns poetas chegaram até nós e assim pudemos ter acesso a essa grande tradição, memória preservada dos antepassados e que nos faz entender o grande esforço daquele povo para comunicar e transmitir um saber.

Temos conhecimento de que a linguagem escrita ganhou a dimensão da prosa, mudando a forma de raciocínio, pois evoca uma lógica e a busca de fundamentar conceitos precisos. Podemos dizer que, a partir desse ponto, surge a

linguagem filosófica que é conceitual e lógica. Portanto, quando falamos da linguagem dos poetas míticos, trata-se de um saber ilógico e não conceitual, mas que tinha a função de conservar e transmitir um saber que fomentou a vida dos seus ouvintes.

Mas, em um exercício poético, o poeta não improvisava o conteúdo da mesma forma que um repentista nordestino faz com seus temas. O poeta elaborava uma estratégia, pode-se dizer um estudo, pois o público não poderia parar para que o poeta pensasse seus poemas. Tudo era preparado antecipadamente, para que a declamação e o canto fluíssem, tendo o poeta a sequência daquilo que pretendia passar naquele momento iluminado.

A poesia de Homero possui grande influência no pensamento e na educação dos gregos, porque a poesia, na cultura grega, faz valer todas as forças estéticas e éticas do homem. Na poesia homérica os gregos veem estampado seu ideal de posteridade. Nela, Homero faz aparecer uma preocupação com a formação ética e espiritual do homem (TEIXEIRA, 1999, p. 13).

A poesia representou, para aquele contexto, uma fonte viva de comunicação e transmissão de um saber, dando luz a um mundo que, por si só, não existiria. A poesia gerou esse encanto e conquistou um grande lugar na vida do homem grego, pois ela entrou em uma dimensão importante do humano, a sua dimensão religiosa.

Nessa perspectiva,

A importância educadora de Homero é evidentemente mais vasta. Não se limita à formulação expressa de problemas pedagógicos nem a algumas passagens que aspirem a produzir um determinado efeito moral. A poesia homérica é uma vasta e complexa obra do espírito, que não se pode reduzir a uma fórmula única. Ao lado de fragmentos relativamente recentes que revelam um interesse pedagógico expresso, aparecem outras passagens nas quais o interesse pelos objetos descritos afasta a possibilidade de pensar uma segunda intenção moral do poeta (JAEGGER, 2013, p. 59).

Para Jaeger (2013), na epopeia grega já se encontrava, de certa forma, o germe da filosofia grega. Numa ótica da concepção de mundo, a epopeia grega é mais objetiva e mais profunda que a épica medieval.

Na epopeia grega, a função social e educadora do poeta se manifesta através da união necessária e inseparável da poesia e do mito. Homero utiliza exemplos míticos para todas as situações imagináveis da vida em que um homem pode estar presente na vida de outro homem. O mito serve como uma espécie de uma instância normativa e, nesse sentido, representa um discurso ideal de mundo (TEIXEIRA, 1999, p. 14).

No processo de transmissão de uma cultura por meio do mito, não podemos esquecer outras formas de transmissão de conhecimento, como a música e a arte plástica, por meio das esculturas e monumentos. Reconhecidamente, para nós, a poesia fala mais forte na intenção de ser fonte viva e inesgotável do mito. Para entendermos o significado do mito na Grécia Antiga, temos que compreender que os mitos eram recitados, demonstrando que tal entendimento deve levar em consideração o discurso oral.

Observamos que, na sociedade grega, tão somente o mito conseguia oferecer a explicação do mundo àquele povo. A criação do mundo, as inspirações artísticas e poéticas, assim como os fenômenos naturais davam créditos às explicações míticas.

É no contexto da sociedade, na Antiguidade grega, que procuravam explicar a origem do mundo pelo mito; aí é que se desenvolve o pensamento platônico. Um conjunto de narrativas que tratam de deuses e de como estes influenciavam as pessoas na terra. A mitologia grega era assunto principal nas aprendizagens das crianças da Grécia Antiga, como meio de orientá-las no entendimento de fenômenos naturais e de outros acontecimentos que ocorriam sem o intermédio dos homens.

Os poetas atribuíam, entre outros aspectos, as relações e as características humanas aos deuses e histórias lendárias, que serviram, durante muito tempo, como cultos ritualísticos na sociedade da Grécia Antiga.

Vimos que o pensamento de Platão se desenvolve nesse contexto, em uma era em que a sociedade vivenciava as explicações de fenômenos e comportamentos

por meio de mitos. Em geral, as pessoas limitavam-se à noção de realidades abstratas.

A história da humanidade registra que o surgimento do saber filosófico ocidental se deu a partir da Grécia Antiga, de onde, também, se originaram pensadores que semearam o saber filosófico científico com reflexos inquestionáveis de conhecimentos que são estudados ainda na atualidade.

Um dos aspectos de grande relevância sobre o pensamento platônico está na possibilidade de um conhecimento verdadeiro, apoiado em verdades como sendo necessárias para compreender realidades imutáveis na mentalidade da Grécia Antiga. Esse é um grande destaque em sua teoria das ideias, constituindo a base de toda sua filosofia.

Até aqui, procuramos conhecer o significado do mito e da filosofia na sociedade da Grécia Antiga buscando uma contextualização do pensamento platônico. Agora damos continuidade às reflexões e análises sobre a compreensão do mundo, ou seja, discutir o ideário platônico, passando a buscar o sentido do mito para o filósofo Platão, perpassando por sua biografia e chegando às suas produções, dentre elas, a *Alegoria ou Mito da Caverna*.

CAPÍTULO 2

ALEGORIA DA CAVERNA: FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Este capítulo busca contextualizar a vida de Platão e, resumidamente, o respectivo período histórico em que viveu, destacando uma de suas grandes obras, ou seja, o *Mito da Caverna* ou *A Alegoria da Caverna*. Em linhas gerais, visa-se explicar o que Platão quis ensinar com este diálogo, o que ele pretendia com este ensinamento e, extrair o aprendizado para os dias atuais. Visa-se fazer a releitura do mito e do ideário pedagógico do referido filósofo.

2.1 O filósofo Platão

Platão tinha origem familiar aristocrática. Ateniense, nascido em 428 a.C., além de grande escritor, foi também um homem elegante, com capacidade de articular grandes pensamentos, deixando profundos ensinamentos ao mundo ocidental. Nessa perspectiva, podemos definir Platão como um dos mais importantes filósofos de todos os tempos.

O ateniense Platão foi o primeiro grande filósofo do Período Clássico, desenvolvendo, em seus diálogos, uma reflexão profunda sobre questões que se tornaram centrais para a tradição filosófica, toda ela profundamente marcada pelo seu pensamento.

Platão era filho de aristocratas atenienses. Foi discípulo de Sócrates. Viajou por quase todo o mundo conhecido de então. Dedicou grande parte do seu pensamento ao estudo da política. Suas ideias estão expressas, sobretudo na obra *A República*. Esta obra é constituída por diálogos estabelecidos. Trata-se de uma explanação da teoria das ideias, uma noção de mundo. Composto um dos tomos de *A República*, o livro VII traz, em forma de narrativa, a mensagem que constitui o

ponto central desta pesquisa. O referido filósofo “foi o primeiro discípulo do heraclitiano Crátilo, e depois, de Sócrates. Viveu em um momento em que acontecia uma revolução cultural, que consistia em um conflito entre a oralidade e a escrita, com a vitória desta última” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 132).

A política fez com que Platão se ligasse à filosofia. Defendia que um homem, para ser um bom político, necessitava ser também bem preparado para a função. De acordo com ele, só a classe dos sábios podia governar. No ano de 387 a.C., Platão funda, em Atenas, a Academia, sua própria escola de investigação científica e filosófica que foi um acontecimento da máxima importância para a história do pensamento ocidental.

O que é possível escrever a respeito das atividades da Academia, bem como sobre a obra escrita de Platão e as notícias sobre seu ensinamento oral testemunham sobre essa concepção da atividade intelectual: antes de tudo busca a inquietação, a reformulação permanente e a multiplicação das vias de abordagem dos problemas, a Filosofia, significando fundamentalmente filosofar, esforça-se por pensar mais profundo e claramente. Assim, salienta-se que as teorias de Platão se concentravam na diferenciação de dois mundos: o visível sensível ou mundo dos reflexos e o invisível, inteligível ou mundo das ideias.

Escrevendo, Platão reproduziu o método dialógico socrático, fundando novo gênero literário: deste modo, seu filosofar assume uma dinâmica deliciosamente socrática, na qual o próprio leitor é envolvido na tarefa de extrair maieuticamente a solução dos problemas suscitados e não explicitamente resolvidos (REALE; ANTISERI, 2003, p. 132).

O interesse de Platão por assuntos de política era oriundo, em parte, por circunstâncias de sua vida. Ressalta-se que seu apreço pela política era justificado pelo fato de ser grego, haja vista que a vida cultural da Grécia Antiga teve um desenvolvimento vinculado ao que ocorria na cidade-Estado, a *polis*. Ainda é relevante destacar que Platão começou seu contato com a vida política por volta dos anos de 404-403 a.C., momento de ascensão da aristocracia e de seus familiares.

O vínculo do desenvolvimento de Platão ligado aos acontecimentos da *polis* era resultado da organização política, constituída por uma constelação de cidades-

Estados. Esse filósofo tinha diante dele uma tradição poética e literária. Parte dessa tradição estabelecia, parenteticamente, normas de convivência, ideais de vida; dela provinham os valores básicos para todo homem grego culto e, sob certos aspectos e em alguns pontos, também para o homem comum.

A motivação filosófica-chave de Platão consiste em tentar reconstruir com novos pilares a paideia grega, forçando a passagem de uma explicação predominantemente mítica da realidade para uma compreensão mais consistente dela em que seus fundamentos se encontrem na Filosofia e não mais no mítico (TEIXEIRA, 1999, p. 25-26).

Como podemos notar, o autor evidencia a importância dessa metodologia desenvolvida por Platão. Do mítico à filosofia, no caminho, as explicações devem passar por um processo de aproximação da realidade.

Sobre o filósofo grego, vale elucidar que o seu verdadeiro nome era Arístocles; no entanto, recebeu esse apelido, o qual ficou conhecido classicamente por ter ombros largos. Trata-se de:

Um apelido que derivou, como referem alguns, de seu vigor físico, ou como contam outros, da amplitude de seu estilo ou ainda da extensão de sua frente (em grego *platos* significa precisamente “amplitude”, “largueza”, “extensão” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 132).

Sendo ateniense de família aristocrática, cresceu em meio à fascinação pela política, embora tenha sofrido sérios reveses. Platão tinha grande preocupação com a política existente em Atenas. Acreditava que esta deveria visar ao bem público, geral, que vem a ser algo assim como a média geral do bem e dos interesses parciais.

Importante ressaltar que o conceito platônico da política é expresso em *A República* sendo seu *Livro VII* conhecido como *O Mito da Caverna* ou *Alegoria da Caverna*, composto por narrativa do diálogo entre Sócrates e Glauco, o foco norteador da presente pesquisa. Entretanto não é a única, visto que também escreveu outra obra intitulada *O Político*; depois, escreveu *As Leis*, e ainda podemos

citar a *Carta VII*, que faz parte de um conjunto de XIII Cartas escritas pelo filósofo (PLATÃO, 2008).

A vida de Platão transcorreu entre a fase áurea da democracia ateniense e o final do período helênico: suas obras filosóficas representam, em vários aspectos, a expansão de um pensamento alimentado pelo clima de liberdade e de apogeu político.

O pensamento político de Platão decorre da sua forma de explicar a realidade por meio da teoria das ideias. Essa referida teoria tem como base a existência de dois mundos: a sensível e o mundo inteligível. O mundo sensível é marcado pelas aparências, limitado à sombra do mundo das ideias. Este, por sua vez, é lugar das essências de todas as coisas, a verdade.

O mundo inteligível resulta da cooperação bipolar imediata dos dois princípios supremos; o mundo sensível, ao contrário, tem necessidade de um mediador, de um Deus-artífice que Platão chama de Demiurgo; este cria o mundo animado pela bondade. O Demiurgo procura descer na realidade física dos modelos de mundo ideal, em função das figuras geométricas e dos números. Deste modo, o mundo sensível aparece como cópia do mundo inteligível. O mundo inteligível é eterno, enquanto o sensível existe no tempo que é imagem móvel do eterno (REALE; ANTISERI, 2003, p. 137).

Platão desenvolve pensamento sistêmico que, de forma geral, é normativo e que se torna comum no pensamento clássico. Vista de um modo mais amplo, sua proposta leva a um modelo aristocrático de poder. Mas não se trata de uma aristocracia da riqueza, mas da inteligência em que o poder é confiado aos melhores. Daí, torna-se relevante compreender que os diálogos têm, como ponto principal, a ideia de que o amor é um agente educativo, e que a aspiração à verdade e ao ser é impulsionada pelo amor e por ele ativada.

Em seu cerne, a filosofia platônica emerge de um esforço do ateniense para compor duas grandes influências por ele experimentadas. A “[...] principal novidade da filosofia platônica consiste na descoberta de uma realidade superior ao mundo sensível, ou seja, dimensão suprafísica (ou metafísica) do ser” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 137).

Entre outros aspectos característicos, a filosofia de Platão é, ao mesmo tempo política e ética pois, simultaneamente, fala da Educação, de uma metafísica

que envolve a Alma e do Bem. Nesse sentido, sua filosofia se faz no campo da teologia, da antropologia, e, também como crítica social.

Estes são aspectos que, na teoria platônica, fazem-se muito necessários à formação humana. A “[...] preocupação de Platão era com educação harmônica que garanta a felicidade tanto à *pólis* quanto ao indivíduo” (TEIXEIRA, 1999, p. 26).

Esse filósofo, desde sua juventude, apresentava ambições no campo da política, embora tenha se decepcionado com a liderança política de Atenas. Tornou-se discípulo de Sócrates, por seguir sua filosofia e aderir ao método socrático, isto é, a busca da verdade por meio de perguntas, seguidas sempre por mais perguntas.

Sobre Platão, pertencente a uma família de posição mais elevada na aristocracia ateniense, podemos ilustrar que, por tradição familiar, seguiria a carreira política. No entanto, interessou-se pela filosofia desde muito jovem. Platão encontrou, nesta ciência, o melhor instrumento para a reforma da política e da educação, especialmente, nos aspectos morais e éticos.

Sua dedicação à filosofia perpetuou uma vasta e diversificada obra acerca de seu pensamento, eternizando suas conceituações de mundo sensível e de mundo inteligível. O filósofo ateniense apresenta-nos considerações de ordem pedagógica, realçando a importância da educação como meio da elevação do indivíduo do mundo das sombras ao mundo das ideias.

A Academia é a primeira Escola de caráter permanente preocupada com uma consistente formação humana e intelectual: dedica-se ao ensino e ao estudo das diversas ciências da época, tendo como grandes temas éticos e políticos. No topo dessa formação estarão a dialética e a Filosofia (TEIXEIRA, 1999, p. 23).

Vale ressaltar que Platão recorre ao mito em vários diálogos, para tratar de problemas cruciais de sua filosofia. A Academia de Platão durou cerca de um milênio, até o momento em que Justiniano a dissolveu em 529 d.C. Assim, “[...] Platão foi popularizado como o grande teórico do racionalismo e do idealismo na Antiguidade” (SCOLNICOV, 2006, p. 9).

O pensamento de Platão, basicamente, foi influenciado por quatro grandes pensadores. São eles a saber: Pitágoras (órfico-pitagóricos), Parmênides, Heráclito e Sócrates. Mas serão Pitágoras e Sócrates a determinar a maior parte das linhas de sua filosofia (TEIXEIRA, 1999).

Conforme pode ser verificado na citação a seguir da teoria de Pitágoras, Platão herda a filosofia, assim como a religiosidade e fé na imortalidade. Também ganha apreço pela matemática e entrelaçamento entre o intelectual e o místico.

De Pitágoras, Platão leva para a sua filosofia, a tendência religiosa, reencarnação das almas (metempsicose), a crença na imortalidade, o outro mundo, o seu respeito pelas matemáticas e a sua maneira de entrelaçar o intelecto com o misticismo (TEIXEIRA, 1999, p. 22).

Um dos pontos que demonstram a ligação da filosofia de Platão a Pitágoras é encontrado em sua obra *A República*, ao citar que Pitágoras foi muito honrado por seu modo de vida; e por seus seguidores que hoje ainda vivem o estilo de vida pitagórica.

De Parmênides, Platão herdou a crença de que toda mudança é ilusória, visto que a realidade é imutável, eterna e intemporal. De Heráclito, assimilou a doutrina do eterno fluir das coisas: tudo flui e nada que existe, existe para sempre. De Sócrates, aprendeu a debruçar-se sobre questões e problemas éticos (TEIXEIRA, 1999, p. 22).

Assim, observa-se que os pensamentos e os ensinamentos deixados por Platão foram elaborados em forma de diálogo, ou mesmo de conversa, ou ainda, um debate entre diversas pessoas.

Nessa perspectiva, Platão recupera o valor cognoscitivo do mito, segundo Reale e Antiseri (2003) como complemento do *logos* quando afirma que a filosofia platônica:

[...] se torna, na forma como o mito, uma espécie de fé raciocinada, no sentido de que, quando a razão chega aos limites extremos de suas capacidades, deve superar intuitivamente tais limites, desfrutando as possibilidades que se lhe oferecem na dimensão da imagem e do mito (REALE; ANTISERI, 2003, p. 132).

Desse modo, os diálogos escritos pelo filósofo podem ser divididos em três fases, a saber: a primeira representa a comunicação da filosofia de Sócrates; na

segunda e na terceira fase, seus diálogos tratam de relatar suas próprias ideias, embora continuasse a utilizar a inspiração socrática para embasar seus escritos.

Paviani (2008) apresenta uma classificação dos diálogos de Platão em diálogos da juventude; diálogos elaborados na maturidade e diálogos escritos em idade avançada.

Diálogos da juventude: *Hípias Maior, Hípias Menor, Laques, Apologia de Sócrates, Íon, Alcibíades I, Alcibíades II, Críton, Eutidemos, Lísias, Cármides, Eutífron, Ménon, Górgias, Protágonas, Clitofon*. Diálogos elaborados na maturidade, num primeiro grupo: *Menexêno, Crátilo, República, Fedro, Fédon, Banquete* e, num segundo grupo: *Teeteto, Parmênides, Sofista e Político*. Diálogos escritos em idade avançada: *Filebo, Timeu, Critias, Leis, Hiparco, Teages e Epinomis* (PAVIANI, 2008, p. 18).

Para Platão, valia uma teoria que se fez o cerne de sua filosofia, que era a teoria das formas ou do mundo das ideias, pois, para ele, formas representavam um arquétipo, ou seja, um modelo que não muda. Para ele, somente ideias e/ou formas se fazem constantes e de forma real. O filósofo Platão considerava que o conhecimento era uma derivação da razão; e não, da experiência. Concebia que, somente por meio da razão, alcança-se o conhecimento.

Platão viveu 80 anos e escreveu numerosas obras, é natural que, no decurso da vida, tenha orientado seus objetivos com diferentes ênfases. Por isso, é difícil falar de um único Platão. Foi criador da metafísica, conhecimento que pretende explicar a totalidade de tudo quanto existe, homem e universo. Também foi criador de uma filosofia de dimensão pedagógica e de caráter profundamente ético (PAVIANI, 2008, p. 21).

A filosofia platônica destaca-se, teoricamente, na defesa da beleza, da justiça, da bondade, entre outros valores. Para ele, a pessoa é bela ou justa em razão de ter algo nela que se assemelhe com o formato de belo ou de justo, existente no mundo do pensamento e das ideias. Nesse contexto, está o amor, no pensar de Platão, vislumbrado no mundo das ideias, fazendo-se de forma perfeita. Por esse motivo, é clássica, a expressão amor platônico.

Paviani (2008) observa:

Platão possui a vocação de escritor e dos professores. Quem observa o estilo e os processos dialéticos de seus textos, os procedimentos da pergunta e da resposta, não tem dúvidas sobre essas características marcantes do escritor e do professor. Por isso, e também por outros aspectos intrínsecos ao pensamento dos diálogos, ele nos oferece uma filosofia e uma pedagogia indissolúveis (PAVIANI, 2008, p. 23).

Platão foi um filósofo grego seguidor de Sócrates e que acreditava que a filosofia tinha um fim moral, capaz de resolver os problemas da vida. Nesse sentido, a teoria platônica possibilita ver a filosofia enquanto aliada-chave para a compreensão de mundo, para formar concepções sobre nós e nosso entorno.

Conforme súmula realizada por Reale e Antiseri (2003), Platão sintetizou o próprio pensamento em suas múltiplas dimensões no célebre *Mito da Caverna*, podendo ser contemplado, ao menos, em quatro níveis, a saber:

- 1) em nível ontológico, segundo o qual aquilo que está dentro da caverna seria o mundo material e aquilo que está fora, o mundo suprassensível;
- 2) em nível gnosiológico, segundo o qual o interior da caverna representa o conhecimento sensível (opinião) e o exterior da caverna o conhecimento das ideias;
- 3) em nível místico-teológico, segundo o qual o interior e o exterior representariam, respectivamente, a esfera mundana material e espiritual;
- 4) em nível político, porque implica um retorno à caverna de quem tinha conquistado sua liberdade, por solidariedade com os companheiros ainda prisioneiros, e com a finalidade de difundir a verdade (REALE; ANTISERI, 2003, p. 163).

É nesta acepção que se pode pensar a filosofia de vida em uma perspectiva pessimista ou otimista; menos rigorosa ou mais rigorosa. Podemos continuar compartilhando da análise, destacando que o mito foi utilizado por Platão de modo sucessivo com o intuito de simbolizar a “metafísica, a gnosiologia, a dialética e até mesmo a ética e a mística platônicas” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 163). Nessa direção, dedicamo-nos a refletir sobre os significados do *Mito da Caverna*.

Antes de tudo, o mito da caverna traduz os diversos graus em que ontologicamente se divide a realidade, isto é, os gêneros do ser sensível e suprassensível com suas subdivisões: as sombras da caverna simbolizam as aparências sensíveis das coisas; as estátuas as próprias coisas sensíveis; o muro representa a linha divisória entre as coisas sensíveis e as supersensíveis; as coisas verdadeiras situadas do outro lado do muro são representações simbólicas do ser verdadeiro e das Ideias, e o sol simboliza a Ideia do Bem (REALE; ANTISERI, 2003, p. 163).

De acordo com os autores citados acima, o mito simboliza, também, os graus do conhecimento nas duas espécies e nos graus em que essas espécies se dividem. Sendo assim, a visão das sombras simboliza a imaginação; e a visão das estátuas, a crença. Já a passagem da visão das estátuas para a visão verdadeira dos objetos e para a visão do sol, inicialmente de forma mediata; e depois, de imediata, simboliza a dialética (REALE; ANTISERI, 2003).

Nesse sentido, o *Mito da Caverna*, entre outros diálogos de Platão, traz exemplificações de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona, através da luz da Verdade, em que Platão discute sobre teoria do conhecimento, linguagem e educação ideais ao seu tempo, tornando-se um clássico que sobrevive ao passar do tempo, ou seja, é atual.

Um outro foco de interpretação dos significados do *Mito da Caverna*, e que muito nos interessou para o presente estudo, foi a afirmação de que o mito, simboliza o aspecto “[...] ascético, místico e teológico do platonismo: a vida da dimensão dos sentidos é a vida na caverna. O voltar-se do sensível para o inteligível é representado expressivamente como libertação das algemas” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 164).

Fazendo uma abordagem histórico-filosófica, a pesquisa procura buscar nas entrelinhas da história da filosofia aliada à educação, a influência que o filósofo Platão deixou ao mundo em diferentes épocas, especialmente para a contemporaneidade.

2.2 A dialética em Platão, o mundo sensível e das ideias

Antes de adentrarmos a questão da dialética na concepção platônica, vamos retomar seu cerne. Assim, vemos que “o diálogo foi o método por excelência, adotado por Sócrates para transmitir suas ideias. Daí resulta a palavra “dialética” (TEIXEIRA, 1999, p. 45). Na teoria socrática, que inspira Platão, a dialética ocorre por meio da ironia e da maiêutica. A ironia se vale das contradições do discurso do indivíduo e suas consequências até que o indivíduo consiga chegar à convicção do próprio erro.

Quanto à maiêutica, esta significa o nascimento de novo ou novos conhecimentos. A palavra *maieúia* significa parto; *maieútria*, parteira. Em *Teeteto*, Platão se declara

[...] igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. [...]. O que é fora de dúvida é que nunca aprenderam [os que tratam com Sócrates] nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo (PLATÃO, 2051a, p. 47).

A dialética se constitui como um método de discussão das ideias opostas, visando encontrar a verdade. Refere-se a um modo de argumentação lógica que exige o debate para avaliar, sistematicamente, as relações entre conceitos específicos e gerais.

Contudo, somente pela oralidade dialética chega-se à verdade. Por essa razão é que compartilhamos da teoria platônica a qual “a educação se faz por meio do diálogo, no encontro de uma ou mais pessoas” (TEIXEIRA, 1999, p. 48). Platão, se preocupa, especialmente, com a ciência que, para ele, significa o conhecimento verdadeiro, a moral e a política.

Observamos que a dialética está presente em todos os diálogos de Platão. A dialética platônica consiste em um processo dinâmico com aproximações que permitem ao indivíduo falar e pensar.

Nesse sentido, torna-se importante, ressaltar que “dialético é quem está aberto ao diálogo vivo e livre. Assim, a dialética platônica tem como recurso principal, o diálogo com a vida. A esfera da dialética é a esfera da vida” (TEIXEIRA, 1999, p. 46).

A dialética, vista como proposta construtiva da educação capaz de levar o indivíduo a uma reflexão transformadora de si mesmo, fundamenta o objetivo deste estudo. Lembrando, esta pesquisa visa compreender as contribuições do filósofo Platão acerca de sua proposta dialética como uma inovadora concepção de educação, ou seja, deixar os resquícios de uma educação de *doxa*, pertencente ao mundo das sombras – mundo sensível –, rumo ao mundo das ideias – mundo inteligível.

A dialética tem como objetivo último elevar-se até a *noêsis*, a ciência suprema. Se a maioria dos homens é incapaz de ir além da opinião e, alguns, através das matemáticas, chegam à *dianóia*; somente o filósofo, por meio da dialética, alcança a *noêsis*. O filósofo é o dialético por excelência (TEIXEIRA, 1999, p. 46).

Importante lembrar que para Platão, “a opinião é quase sempre enganadora. Pode até ser verdadeira e reta, mas jamais pode possuir em si mesma a garantia de sua retidão permanecendo sempre sujeita a alterações (REALE; ANTISERI, 2003, p. 148).

Podemos observar a valorização parcial da opinião correta foi uma grande inovação proposta por Platão, pois este defende a superioridade do conhecimento sobre a opinião.

A opinião é como as estátuas de Dédalo, que fugiriam se não estivessem amarradas, e o conhecimento (*episteme*, não sentido técnico platônico do termo, estabelecido neste diálogo mesmo) é completamente estável, pois está encadeado pelo cálculo das razões (SCOLNICOV, 2006, p. 39).

Em seu texto denominado *Mênon*, Platão deixa claro que o conhecimento inclui as razões capazes de justificá-lo; em contrapartida à opinião, não há razões que o justifiquem.

No Mênon, Platão introduz a opinião correta como guia prático, com um valor epistêmico limitado. Na República, apresenta a opinião correta como opção alternativa aos que não podem alcançar o conhecimento perfeito. A opinião correta tem um papel mais importante na educação platônica (SCOLNICOV, 2006, p. 63).

A opinião correta em Platão pressupõe o questionamento e este, por sua vez, vai ao encontro da pesquisa e da busca pela verdade. E nesse sentido, a dialética exige criticidade, requer reflexão e questionamento da opinião. Leva-nos à discussão de ideias opostas, objetivando o encontro da verdade.

Desse modo, podemos compreender que a dialética constitui um proceder pelo qual a inteligência passa do sensível ao inteligível. A dialética possui um movimento ascendente e outro descendente. O percurso ascendente possui caráter sinótico. Consiste em “libertar-se dos sentidos e abstrair de ideia em ideia até alcançar a Ideia Suprema, no caso do Bem, fonte de ser e inteligibilidade” (TEIXEIRA, 1999, p. 47). Na concepção platônica, o caminho ascendente vai das ideias, consideradas por ele, como hipóteses inferiores às superiores (PLATÃO, 2013).

O segundo caminho da dialética é o descendente, também conhecido como *diaírisis*. Trata-se de um caminho oposto ao primeiro, ou seja, ao ascendente. “O descendente parte da ideia suprema e, através de sucessivas divisões, busca compreender a complexidade existentes entre as partes e o todo” (TEIXEIRA, 1999, p. 47).

A dialética consiste na captação, baseada na intuição intelectual, do mundo ideal, da sua estrutura e do lugar que cada Ideia, da sua estrutura e do lugar que cada Ideia ocupa em relação às outras Ideias nessa estrutura. E nisso está a “verdade” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 149).

No diálogo estabelecido, na *Alegoria da Caverna*, Platão explicita a relação entre o mundo sensível e mundo inteligível, deixando transparecer, de modo claro, sua teoria sobre as ideias.

A Ontologia Platônica, ou seja, o sentido abrangente do ser, leva-nos a uma afirmação da existência de dois mundos inteiramente diferentes e separados: o

mundo sensível da mudança, da aparência, do devir dos contrários, e o mundo inteligível.

Nessa perspectiva, buscamos a significação de Ontologia Platônica. Esta expressão origina-se do grego *ontos*, significa “ser”, “ente”; e *logos*, traduz “saber”, “doutrina”, e percebemos que se trata da divisão no mundo, isto é, uma existência de dois mundos inteiramente diferentes e separados. O primeiro, o mundo sensível que diz respeito ao mundo da mudança; e o segundo, mundo inteligível que é o da identidade, da permanência, da verdade, conhecido pelo intelecto sem interferência dos sentidos e das opiniões. Sendo assim, aquele, o mundo sensível significa o mundo das coisas. Já, este significa o mundo das ideias ou das essências; é o mundo do Ser.

Dessa forma, para que possamos melhor refletir as conceituações de mundo sensível e de mundo inteligível, destacaremos então a obra *A República*, na qual o filósofo ateniense nos apresenta considerações de ordem pedagógica, realçando a importância da educação, como meio da elevação do indivíduo do mundo das sombras ao mundo das ideias. Nesta obra, dedicamo-nos, especificamente, ao *livro VII*, intitulado como *Alegoria da Caverna*.

Partindo do princípio de que o “[...] mito consiste em coisas admiráveis (ABBAGNANO, 2014, p. 18), buscamos mais significados, a fim de ampliar nossa compreensão.

O *Mito da Caverna* constitui uma metáfora da condição humana perante o mundo e possibilita analogia com a importância do conhecimento filosófico na educação. Nesse sentido, o mito pode instrumentalizar os indivíduos para a superação da ignorância. Isto significa empreender na passagem, de modo gradativo, do senso comum à visão crítica da realidade.

Abbagnano (2014) contribui para elucidar mais ainda o tema sobre *A Alegoria da Caverna* ou *Mito da Caverna*:

Mito exposto por Platão no livro VII da *República*, segundo o qual a condição dos homens no mundo é semelhante à de escravos presos numa C., que só conseguem enxergar projetadas no fundo da C. as sombras das coisas e dos seres que estão fora. A filosofia é, em primeiro lugar, a saída da C. e a observação das coisas reais e do princípio da sua vida e da sua cognoscibilidade, isto é, do Sol (o *bem* [v.]); e, em segundo lugar, o retorno à C. e a participação nas obras e

nos valores próprios do mundo humano (*Rep.*, 519 c-d) (ABBAGNANO, 2014, p. 131).

O *Mito da Caverna* constitui uma metáfora da condição humana perante o mundo e possibilita analogia com a importância do conhecimento filosófico na educação. Nesse sentido, o mito pode instrumentalizar os indivíduos para a superação da ignorância. Isto significa empreender na passagem, de modo gradativo, do senso comum à visão crítica da realidade.

Encontramo-nos, pois, diante da dialética de Platão, já que, para este filósofo, trata-se do percurso que o homem realiza, que o levará da opinião (*doxa*) à ciência (*episteme*), através do diálogo pautado pela busca da realidade como ela é, que se apresenta oculta sob as aparências.

Torna-se, pois, relevante conhecer o significado do método dialético. Este se caracteriza pelo propósito de se alcançar a verdade. De acordo com Platão (2013), a dialética se decompõe em dois momentos. Um primeiro consiste na intuição da ideia; e um segundo, no esforço crítico para esclarecer esta intuição sobre a ideia.

Fundamentalmente, o método dialético caracteriza-se pela busca incondicional da verdade (*alétheia*), por meio do diálogo. A dialética objetiva a compreensão ou a capacidade de passar do mundo sensível ao mundo inteligível, da aparência à essência, da multiplicidade à unidade.

A dialética é um método dialógico, ou seja, posto em prática pela via do diálogo, ainda que seja consigo mesmo, o que caracteriza o próprio ato de pensar: dialogar consigo. Vale ressaltar que, para que os interlocutores possam chegar a conclusões seguras, é preciso que abram mão de suas concepções pré-estabelecidas, ou seja, que aniquilem o orgulho que fixa na forma da certeza uma não-verdade, uma opinião dogmática.

Em sua tese, Platão diz que o mundo sensível é conhecido pelos cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato) que nos darão condições de perceber os objetos materiais e os fenômenos físicos por meio da experiência. Os conceitos ou ideias que serão conhecidos por meio da inteligência pertencem ao mundo inteligível ou mundo das ideias.

O mundo fora da caverna seria a verdadeira realidade, ou seja, a realidade daquilo que Platão chama do mundo das ideias, do mundo inteligível, enquanto que

a vida dentro da caverna é a realidade imperfeita e incompleta do mundo sensível, do mundo das aparências que são tomadas como realidade verdadeira. O mundo sensível é o mundo das aparências, de uma realidade contraditória que percebemos apenas pelas nossas percepções, crenças e opiniões; é um mundo mutável.

Já o mundo das ideias é o mundo das essências imutáveis, da verdade absoluta e objetiva, onde não há oposições e nem contradições. Pode-se, contudo, se passar de um mundo a outro por meio do uso da razão dialética, da razão que busca, nas contradições das crenças e opiniões, a construção de uma verdade não contraditória.

Na obra *A República*, Platão apresenta a dialética como forma de se buscar a verdade por meio do diálogo, que estabelece com seus interlocutores, levando-os a refletir minuciosamente sobre as ideias apresentadas acerca dos temas abordados. Assim, o filósofo encontra, na dialética, um aporte para a formação pedagógica, capaz de preparar os indivíduos para a vida da *pólis*, chegando ao ponto de estarem aptos a governar a sociedade por ele almejada.

Segundo Platão (2013), àqueles que possuem a vocação filosófica, destina-se a formação intelectual, ou seja, o aprendizado do método dialético.

O método dialético é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los às artes que analisamos (PLATÃO, 2013, p. 230).

Por este método, o homem poderia alcançar condições de ver além das aparências, destruir as hipóteses e compreender o bem, a justiça e as demais ideias (oposição às coisas concretas, pois é um conceito abstrato).

Platão elenca o método dialético como instrumento para adquirir conhecimento para contemplar verdades existentes. O mesmo método é aplicado por Platão no diálogo *Teeteto*, em que aborda, claramente, o intuito de definir o que é o conhecimento. Neste diálogo, Platão define o conhecimento como opinião verdadeira acompanhada da explicação racional (PLATÃO, 2005a).

Com a alegoria, Platão trata o mundo em uma perspectiva dividida na realidade do que é sensível, isto é, o perceptivo pelos sentidos e aquilo que é

inteligível, ou seja, o mundo das ideias. O sensível faz parte da imperfeição e o mundo das ideias revela as verdades, dá espaço à razão. Na teoria de Platão, a caverna é o mundo sensível em que vivemos.

O mundo real da alegoria, o mundo fora da caverna, seria a realidade do mundo essencial onde existem as formas puras. As sombras projetadas representam o mundo sensível. Os prisioneiros na caverna correspondem às pessoas no mundo, sinalizando que não têm um conhecimento do que acontece na prática, acreditando que o que aparece nas sombras é a realidade do mundo. Assim, a saída da caverna significaria um movimento de libertação daquilo que não passava de uma falsa realidade. Esse aspecto representa o processo dialético.

Em seus diálogos, Platão tece o discurso indireto, enriquecido por símbolos, a fim de colaborar para a compreensão dos objetos e ideias simples e também complexas. Concebe o mundo em uma realidade dual em que, de um lado, temos o mundo material visível com objetos particulares, imperfeitos, mutáveis, perecíveis, significando o mundo das sombras, do imaginário, limitando-nos ao conhecimento superficial e também incompleto; já por outro lado, encontramos o mundo inteligível ou das ideias, baseado em realidades abstratas e imutáveis, inteligíveis.

Platão parte do pressuposto da existência de dois mundos, o mundo inteligível – da verdadeira realidade, o das Ideias –, e o mundo em que vivemos – mundo sensível que é reflexo do mundo das Ideias.

Platão desenvolve sua teoria sobre o mundo inteligível e nos leva a pensar, segundo Reale e Antiseri (2003) sobre a forma como o indivíduo pode aceder cognoscitivamente ao inteligível.

Platão foi o primeiro a propô-lo em toda sua clareza, graças às aquisições estruturalmente ligadas à grande descoberta do mundo inteligível. Para isso, descobre um caminho que é o da “anamnese”, ou seja, uma forma de recordação, um emergir daquilo que já existe desde sempre no interior de nossa alma (REALE; ANTISERI, 2003, p. 146).

A teoria das ideias de Platão trata-se de uma teoria do conhecimento, uma concepção de mundo. Para esse filósofo, as coisas que percebemos não constituem a verdadeira realidade, pois não são mais que aparências, o reflexo, de cópias, de

sombras da verdadeira realidade. O real são as ideias das coisas. Para Platão, “a investigação filosófica, como toda e verdadeira situação didática e pedagógica, é dialética” (SCAOLNICOV, 2006, p. 33).

A educação é ponto essencial para Platão. A formação do indivíduo e a construção de uma sociedade mais justa devem apoiar-se em um projeto consciente de todo o processo educacional.

O método platônico é mais do que um instrumento argumentativo. Ele implica uma revisão fundamental dos fins da filosofia e do que se considera uma argumentação filosófica válida. A filosofia na concepção platônica, parte de convicções previamente aceitas e estabelece os princípios que apoiam tais convicções (SCAOLNICOV, 2006, p. 32-33).

Nesse sentido, as contribuições e influências da história do pensamento da civilização ocidental acerca da filosofia platônica são inquestionáveis. Para o desenvolvimento do processo de desvencilhar das correntes ou das amarras que o prendem ao mundo sensível, Platão aplicou o método da dialética como uma inovadora concepção de educação.

2.3 A Alegoria da Caverna e a produção do conhecimento para a atualidade.

Em sua obra intitulada *A República*, mais precisamente no livro VII, está a *Alegoria da Caverna* ou *Mito da Caverna*, que encontra, no início do texto, um diálogo. Este diálogo consiste em uma imagem construída por Sócrates para explicar ao seu interlocutor, Glauco, o processo pelo qual o indivíduo passa a se afastar do mundo, do senso comum e da opinião em busca do saber e da visão do Bem e da Verdade.

Quanto ao conhecimento, temos *Teeteto* consagrado pela definição clássica do conhecimento. Trata-se de uma “[...] primeira definição de *Teeteto*, segundo a qual o conhecimento não é mais do que sensação, deriva da tese de Protágoras (o homem como medida de todas as coisas)” (PLATÃO, 2005a, p. 23). E continuando

em sua tese, o autor reitera que a “[...] estrutura do conhecimento enquanto episteme principia com as noções comuns – conceitos gerais e categorias, que não devemos à afecção dos sentidos, mas à própria atividade da alma”³.

Inicialmente, Platão, por meio do diálogo estabelecido entre Sócrates e Glauco, apresenta uma metáfora definindo a realidade como sendo composta de dois domínios, os quais são o domínio das coisas sensíveis e o domínio das ideias. Em outras palavras, Platão (2013) destaca a condição humana.

Sócrates: Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo. Glauco: Entendo (PLATÃO, 2013, p. 296).

Para Platão, os prisioneiros da caverna viviam na condição de ignorância, em um mundo ilusório das coisas sensíveis as quais são mutáveis, não são universais e nem necessárias e, por isso, não são objetos para produção de conhecimentos.

Platão segue com o diálogo:

Sócrates: Então, ao longo desse pequeno muro, imagine homens que carregam todo o tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavelmente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam. Glauco: Estranha descrição e estranhos prisioneiros! Sócrates: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, você pensa que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente? Glauco: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel? (PLATÃO, 2013, p. 296).

³ Platão, *Ibidem*, p. 24.

É possível notar que, no decorrer da narrativa, as fases pelas quais passa a visão dos sujeitos estão relacionadas às fases pelas quais passa a razão. O filósofo faz uma analogia entre a predisposição para ver e a predisposição dos sujeitos para conhecer que está relacionado aos exercícios da visão e da razão.

Sócrates: Veja agora o que aconteceria se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua desrazão. Tudo não aconteceria naturalmente como vou dizer? Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar a cabeça, a andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras anteriormente. Na sua opinião, o que ele poderia responder se lhe dissessem que, antes, ele só via coisas sem consistência, que agora ele está mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que está vendo melhor? O que ele responderia se lhe designassem cada um dos objetos que desfilam, obrigando-o com perguntas, a dizer o que são? Não acha que ele ficaria embaraçado e que as sombras que ele via antes lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora? Glauco: Certamente, elas lhe pareceriam mais verdadeiras. Sócrates: E se o forçassem a olhar para a própria luz, não achas que os olhos lhe doeriam, que ele viraria as costas e voltaria para as coisas que pode olhar e que as consideraria verdadeiramente mais nítidas do que as coisas que lhe mostram? Glauco: Sem dúvida alguma (PLATÃO, 2013, p.297).

Conforme podemos observar, os termos “Alegoria” ou “Mito”, são utilizados com significado de metáfora criada por Platão. Tal metáfora é usada para explicar a condição de obscurantismo do ser humano, destacando o que fazer para que os indivíduos conseguissem sair do estado de ignorância, passando ao mundo real, ou seja, pensar com base na razão e não se aprisionar ao senso comum.

Assim, o afastamento do mundo do senso comum constituiria o percurso do prisioneiro para transformar-se no sábio, no filósofo, devendo depois retornar à caverna para cumprir sua tarefa político-pedagógica de indicar a seus antigos companheiros o caminho.

De acordo com a história intrínseca ao diálogo de Platão com Glauco havia um grupo de pessoas vivendo acorrentados por pernas e pescoço em uma caverna desde criança, ou seja, nunca saíram de lá. Pela forma tal qual estavam presos, não

tinham como mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não estivesse à frente deles.

Devido às posições em que se encontravam, na história contada por Platão a Glauco, as pessoas não tinham como se locomover; eram forçadas a fixarem seus olhares tão somente para o fundo da caverna.

Todavia, atrás delas, havia um pequeno muro, fogueira e outros indivíduos que se locomoviam ao redor da luz do fogo e assim, sombras de objetos e seres eram projetadas na parede da caverna, sendo observadas pelos prisioneiros.

Conforme narra Platão, ao longo do pequeno muro, estão homens que carregam todo tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material.

Aprisionadas, essas pessoas acreditavam que a sombra que viam projetadas na parede eram reais. Desse modo, aqueles que se encontravam nessas condições não poderiam considerar algo como sendo verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos construídos.

Certo dia, um dos indivíduos aprisionados consegue se libertar das correntes e saiu da caverna, tendo seu primeiro contato com o mundo exterior. Inicialmente, a luz do sol com a qual se depara assim como a diversidade de cores deixou o indivíduo tão assustado que o mesmo quis retornar para dentro da caverna.

Mas, se anteriormente, esse indivíduo conseguia ver coisas sem consistência, posteriormente, estaria mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que estaria vendo melhor. Agora, já fora da caverna, imediatamente, a luz do sol ofusca sua visão.

Somente depois de se habituar à nova realidade com a qual se depara, ele volta a enxergar e consegue contemplar as maravilhas do mundo fora da caverna. Percebe que passou a vida toda, acreditando apenas em ilusões advindas de sombras que tinha como sendo reais e verdadeiras. Conforme a narrativa de Platão a Glauco, finalmente, ele poderia contemplar o sol; não, o seu reflexo nas águas ou em outra superfície lisa; mas o próprio sol, no lugar do sol, o sol tal como era realmente.

Assim, na medida em que o tempo passava, o ex-prisioneiro acabou por começar a apreciar as descobertas que fizera pela primeira vez na vida. Encantado,

resolveu voltar a fim de compartilhar com os outros prisioneiros todas as novidades e experiências vividas fora da caverna.

No entanto, seus ex-companheiros da caverna não acreditaram no que ele relatou. Acharam que tinha ficado louco e para evitar que suas ideias influenciassem os demais com tal insanidade, os prisioneiros acabaram por matá-lo.

A narrativa de Platão expressa a imagem e percepção (limitada) de pessoas que foram prisioneiras desde que nasceram. São acorrentados dentro de uma caverna de forma que só conseguem visualizar sombras advindas do lado exterior do recinto de onde uma fogueira reflete na parede imagem de pessoas e objetos movidos ao seu redor. Tal fogueira ilumina um palco onde enxergam estátuas de seres como homem e animais, plantas etc. Ressalta-se que tais sombras de estátuas são projetadas na parede, única imagem que aqueles prisioneiros conseguiam enxergar.

Uma vez sem saírem da caverna, os prisioneiros nem faziam ideia de que havia uma outra realidade senão a que estava diante de seus olhos. Além disso, tinham a firme convicção de que aquela era a única realidade existente, pois era a única que viam.

De acordo com o pensamento de Platão que recebeu muitas influências dos ensinamentos socráticos, o mundo sensível era pautado nos sentidos, baseado na percepção ilusória da realidade, enquanto que o denominado mundo inteligível era formado pelas ideias, ou seja, o mundo da razão.

Nessa direção, o mundo real, só seria alcançado quando, a pessoa conseguisse perceber as coisas ao seu entorno, com base em percepção crítica, norteada pela razão e não apenas nos sentidos básicos e visão acrítica.

A percepção platônica tem a caverna como um mundo onde os indivíduos acorrentados pela ignorância cega as pessoas por meio de crenças, informações regidas por senso comum e alienação da mente humana que não lhes permitem pensar criticamente.

A condição de prisioneiros, que só enxergam as sombras de objetos projetadas na parede do fundo da caverna, pode ser semelhante à nossa, prisioneiros que somos de nosso corpo e de nossos sentidos.

As pessoas ficam presas a ideias prontas e, por algum motivo, não buscam estabelecer uma visão, um sentido racional do fato, dos aspectos ou situações.

Muitas vezes, preferem não refletir, preferindo se abster do ato de pensar e se contentar com as informações até mesmo tendenciosas oferecidas por outras pessoas. Não questionam. São pessoas que preferem ficar alheias, não têm interesse ou se tornam incapazes de pensar criticamente e acabam por aceitar ideias e conceitos impostos.

A Alegoria da Caverna apresenta a dialética como movimento ascendente que liberta o nosso olhar da cegueira causada pelos sentidos, para vermos a luz das ideias através da razão.

Desse modo muito sábio, Platão utilizou a linguagem mítica para mostrar o quanto os cidadãos estavam presos a certas crenças. Aplicada à educação, a alegoria platônica, motiva reflexões aplicadas a diversas situações do cotidiano, em que o mundo sensível (a caverna) é comparado às situações, dentre as quais, muitas pessoas ignoram a necessidade de ter conhecimento e saber questionar processos e verdades delineadas e acabadas.

Ao trazer o entendimento sobre a mensagem do mito, torna-se possível propor o debate sobre concepções de mundo, de valores, de princípios que são necessários e úteis à formação cidadã dos indivíduos.

A caverna é o mundo em que vivemos. Lugar escuro, desprovido da iluminação do Sol, suas projeções de luz são frutos da luminosidade de uma imensa e alta fogueira externa que são refletidas na parede de uma forma distorcida da realidade, impedindo assim a compreensão dessa realidade. Coloca-nos como prisioneiros dessa caverna, vivendo em um período ou em um processo de alienação, presos a correntes e com a cabeça imóvel, permitindo-nos somente enxergar em uma posição com direcionamento único, ou seja: o fundo da caverna.

No contexto das considerações tecidas, torna-se possível correlacionar a filosofia platônica, especialmente a *Alegoria* ou *Mito da Caverna*, à realidade atual, sobretudo, quanto ao processo de educação.

O *Mito da Caverna* é um clássico para pensar a atualidade. Hoje, no auge das tecnologias digitais, a gama de informações acaba por revelar a alienação humana, especialmente, entre os mais jovens que, quase sempre, não têm maturidade suficiente para filtrar o que é relevante e o que é fútil, criando e vivendo realidades imaginárias.

Diante do exposto, podemos refletir sobre a educação no processo de formação social e cultural, não a fim de evitar que jovens em idade escolar sejam aprisionados na “caverna”. É fundamental criarmos estratégias para evitar que aparatos como mídia e internet moldem pensamentos e atitudes sem reflexão crítica. Também é importante chamar a atenção para o papel da educação, no sentido de contribuir para que os futuros cidadãos não se aprisionem em verdades construídas e acabadas, rendendo-se ao engano e ou ao comodismo.

A essência da narrativa do *Mito da Caverna* pode se constituir uma excelente ferramenta para reflexão acerca da educação contemporânea como uma proposta clássica cuja ideia sempre será necessária a todos os seres humanos que buscam conhecer e compreender sua existência, seu papel social nesse mundo.

A caverna atual seria o mundo das aparências, o mundo que é criado para nós e não por nós, resumindo-se na crença em sombras projetadas daquilo que alguém quer em que acreditemos.

O homem, em linhas gerais, desde a sua infância, recebe uma educação seja ela formal ou não formal, sem muitos questionamentos e reflexões daquilo que esteja sendo exposto ou ensinado. Isto o leva a um processo de passividade e não questionamento a esta postura, resultando em apreensão de crenças, mitos e conhecimentos por meio da percepção do mundo sensível.

Com o passar do tempo, esse processo se consolida como forma de apreensão do conhecimento. Desse modo, a pessoa passa a pertencer ao mundo sensível, pois sua forma de pensar somente permeia o mundo das sombras que é um esboço deformado da realidade (já que esta está contida na percepção).

A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não à de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve dar-lhe os meios para isso (PLATÃO, 2013, p. 214).

Pela educação, o indivíduo pode encontrar novos direcionamentos à sua visão e, conseqüentemente, novas formas de pensar, refletir e enxergar o mundo que está a sua volta, retirando-se da ignorância. Essa forma de repensar o mundo que está à sua volta, rever conceitos e sair das aparências e da superficialidade

para questionar o conhecimento consiste na *doxa* ou na opinião e fazer conhecimento pela *episteme*.

Uma das grandes inquietações de Platão foi a educação. Na perspectiva da teoria de Platão, observamos uma analogia que consiste em sair do mundo sensível (ilusão) e ir para o mundo inteligível (conhecimento), que pode ser “tarefa magna da educação promover a libertação do espírito humano dos sentidos, que tanto o prendem apenas à matéria, impedindo-o, assim, de alçar-se às realidades superiores, somente encontráveis no mundo inteligível” (BATISTA, 2013, p.30).

Compreendemos assim que a filosofia como a educação, conforme premissa de Platão na *Alegoria da Caverna*, “exige uma revolução total em nosso modo de encarar o mundo, em nossa concepção do papel da razão na vida humana” (SCOLNIVOC, 2006, p. 34).

É pela educação que se promove o desvencilhar das correntes da ignorância, o que liberta o homem e oportuniza sua liberdade. “Se não há conhecimento seguro no mero domínio sensorial, compete à Educação propiciar a conversão da mente humana àquilo que lhe franqueará acesso ao saber consistente” (BATISTA, 2013, p. 30).

Assim sendo, cabe ao filósofo a transposição do conhecimento, em vista de ser ele o homem que não se deixa ser levado pela aparência ou simples opiniões, buscando compreender o verdadeiro sentido de existência, o que Platão fazia com a utilização do Método Dialético. Esse método consistia em diálogos em busca da verdade, prática que aprendera com seu mestre Sócrates, em tempos de vivência e convivência na Academia.

A mensagem de Platão na obra *A Alegoria da Caverna* permite-nos refletir sobre a importância da liberdade de escolha, do respeito à verdade de cada um. É indispensável termos tolerância com o pensamento contrário ao nosso e especialmente, por ser este o princípio da formação cidadã a todos os indivíduos.

Cabe à educação, segundo Platão, redirecionar a visão do indivíduo fixado às sombras e conduzi-lo, gradativamente, a vislumbrar o ponto mais elevado do ser, que é o bem, a verdadeira luz denominada como o Sol, fonte de inspiração do mundo inteligível. Essa fonte de inspiração é dotada da capacidade transformadora do homem, que faz nascer, crescer e desenvolver ideias renovadoras.

Neste sentido, a educação, sob o ponto de vista do filósofo, leva em conta o regresso à caverna, o que lhe permite uma reconsideração e reavaliação do mundo, então, inserido, para buscar a luz que viu cuja sombra formada permitiu apenas um mundo imaginário, fora da realidade. Esse retorno leva-o à possibilidade de orientar, assistir, estimular os indivíduos para que possam, por si só, retirar as correntes da alienação e buscar a verdade das coisas, fatos e fenômenos, chegar à verdade e ao conhecimento.

Os homens que estão no interior da caverna pensam que o que veem é a realidade. Mas não é, pois trata-se apenas de sombras. Por não conhecerem o mundo fora da caverna, acreditam nas sombras refletidas como uma realidade que, na verdade, é inexistente. Com essa alegoria, Platão compara a caverna ao mundo sensível onde vivemos, que é o mundo das aparências. Reflexos da luz verdadeira (as ideias) projetam as sombras (coisas sensíveis que tomamos por verdadeiras). Estamos presos. Mas, é possível quebrar os grilhões do aprisionamento, e quem é capaz de fazer isso é o filósofo.

A imagem apresentada por Platão é uma das mais belas e mais conhecidas de toda a história da filosofia. O *Mito da Caverna*, como já anunciamos, faz parte do livro VII da obra “A República”. Este livro, escrito entre os anos 385-380 a.C., constitui a obra da fase de maturidade de Platão. Trata-se de um diálogo que apresenta o Método Dialético de investigação filosófica. Por meio de aproximações sucessivas, Platão discute a organização da sociedade, a natureza da política, o papel da educação e a essência da justiça.

No processo de contemplação da *Alegoria da Caverna*, o aspecto de maior interesse para nós, neste estudo, é a educação. Na busca por discorrer sobre o mito na educação atual, tendo o pensamento platônico como base para discussão, redigimos o terceiro e último capítulo apresentado, a seguir.

CAPÍTULO 3

O MITO NOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: O PENSAMENTO PLATÔNICO

Este capítulo propõe uma abordagem sobre mito na educação, tendo como pano de fundo a teoria de Platão, destacada por meio da *Alegoria da Caverna*. Buscamos abordar em quais perspectivas os mitos ainda se mantêm (ou se sustentam) na contemporaneidade.

Para atingir o objetivo do capítulo, retomamos uma súpula do *Mito da Caverna*, pontuando que Platão utilizou um recurso para apresentar seu pensamento. Imaginou uma caverna onde um grupo de pessoas vivia acorrentado desde a infância. Como esse grupo estava acorrentado de costas para a saída, conseguia enxergar somente o fundo da caverna. Na caverna, havia uma fogueira, o que permitia que o grupo visse apenas sombras das coisas que passavam às suas costas.

Certo dia, um dos prisioneiros foi libertado e levado para fora da caverna. Inicialmente, por não estar acostumado à luz do dia, ficou quase cego. Depois, aos poucos, começou a ver os verdadeiros objetos e não mais apenas suas sombras. Assim, pôde, então, enxergar a beleza de um dia ensolarado, com toda sua variedade de formas, sons e cores. Empolgado, resolve voltar à caverna para contar tudo o que viu aos seus companheiros.

Na concepção platônica, esse homem pode ser comparado aos filósofos, no sentido de, em seu trabalho, ensinar a verdade às outras pessoas. Essa alegoria era uma forma usada por Platão, para dizer que o que vemos, no mundo dos fenômenos, é apenas “sombra” da verdade que habita o mundo das ideias.

A Alegoria da Caverna de Platão, embora pareça uma história imaginada, vai muito além, pois se trata de um texto que nos leva a pensar e refletir sobre a nossa vida ou sobre o nosso cotidiano. Leva-nos a questionar em que limiar estamos ou em que patamar da nossa existência nos encontramos. Oportuniza que a educação

consiga levar o aluno a questionar estruturas tais como as curriculares, conceituais, metodológicas, entre outras, e ir além da percepção do professor e/ou das verdades veiculadas e fazer suas próprias descobertas.

3.1 Reflexões sobre o mito platônico na Educação atual.

Para compreendermos o mito de Platão no Sistema de Educação atual, vale retomarmos, em síntese, a *Alegoria da Caverna* do referido filósofo. Assim, por meio da narrativa deste texto, Platão tenta mostrar que os seres humanos ainda estavam muito limitados quanto à própria espécie, ignorando suas potencialidades de pensar e agir, isto é, não buscam suas verdades, ou o conhecimento verdadeiro.

Nessa perspectiva, o filósofo descreveu uma história que depois de séculos, ainda se faz viva. A narrativa de uma metáfora clássica para refletir nossas práticas na educação atual.

Na caverna, encontravam-se homens que viviam ali desde a infância, eram prisioneiros e estavam algemados de tal modo que não conseguiam olhar para os lados, não viam o que acontecia ao seu redor. Apenas olhavam em frente e a iluminação existente encontrava-se atrás deles – era um fogo que ardia ao longe.

Entre o fogo e os reclusos, havia um espaço que os separava do mundo real. Assim, quem estava dentro da caverna não sabia que existiam outros seres humanos que viviam lá fora. Os homens reclusos na caverna conheciam somente imagens e/ou objetos cujas imagens eram refletidas no interior da sua prisão. Desse modo, a única realidade que conhecia eram as sombras.

A teoria platônica apresenta as sombras dos objetos que chegam ao interior da caverna como o mundo sensível, o mundo mutável da condição humana em que viviam, representando a ignorância, a falta de discernimento entre aparência e a realidade. Diante dessa realidade, os prisioneiros não conseguiam visualizar a verdade, uma vez que se encontravam em seu estágio primitivo. Estavam limitados ao interior da caverna e alheios ao mundo exterior.

Ocorre que, muitas vezes, as pessoas possuem visão distorcida da realidade. No mito, podemos nos ver nos prisioneiros e acreditarmos apenas em imagens criadas pela cultura, por conceitos e informações que recebemos durante a vida. A caverna simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade. Só é possível conhecer a realidade, quando nos libertamos destas influências culturais e sociais, ou seja, quando saímos da caverna.

O senso comum é uma das formas de conhecimento primárias do ser humano. Por meio de nossas experiências e tradições, buscamos elementos que expliquem a realidade. No entanto, é desejável que essa etapa seja superada, isto é, devemos buscar realizar a passagem gradativa do senso comum para um conhecimento mais racional, organizado e sistematizado, capaz de fornecer respostas cada vez mais elaboradas para os problemas cada vez mais complexos de nossa existência

Faz-se necessária a maiêutica que, segundo Scolnicov (2006, p. 50), “o parto de ideias não é apenas, nem principalmente, sua formulação a viva voz. Isso o fazem todos os dialogantes, sem nenhum esforço (e o parto é expressamente suposto ser difícil)”. A maiêutica socrática é principalmente o esclarecimento das opiniões propostas.

Quando ocorrem acomodações com as respostas prontas oferecidas pelo senso comum, os indivíduos alimentam sua própria ignorância e acabam correndo o risco de facilmente serem iludidos. Isso é observado ao deparamos com ideologias que nos fazer aceitar falsas verdades que vão contra nossos princípios e anseios.

No entanto, quando temos suficiente coragem para “sairmos da nossa zona de conforto” bem representada pela *Alegoria da Caverna*, temos a oportunidade de nos indignarmos com nossa ignorância e podemos empreender, por vontade e capacidade próprias, à busca da verdade e formação de nossos próprios conhecimentos. Isso significa que não podemos nos negar a sair da caverna. E a saída da caverna pode ter como motivação inicial, a educação.

O ideal de educação platônica é, sobretudo formar o indivíduo cidadão participante e atuante em uma comunidade. No entanto, o desafio é como educar o indivíduo autônomo e livre, em harmonia

com o cidadão participante e atuante em uma sociedade (TEIXEIRA, 1999, p. 8).

Na teoria e análise de Paviani (2008, p. 45), o “ideal de educação em Platão é o bem, o justo e o verdadeiro. Platão questiona a educação de seu tempo, propõe novas condições para se alcançar a verdadeira educação”.

Platão, especificamente quando trata da educação, propõe “procedimentos dialéticos, éticos e epistemológicos capazes de explicar as tensões entre o uno e o múltiplo, o sensível e o inteligível, as opiniões falsas e verdadeiras” (PAVIANI, 2008, p. 45).

Na educação contemporânea, muito podemos observar as contribuições da filosofia de Platão. Especialmente quando se trata da dialética e da formação ética voltadas para o bem comum, podemos associá-las à formação moral e à melhoria dos cidadãos.

Nessa perspectiva, temos em Platão a filosofia e a pedagogia indissociáveis. Não se trata de duas dimensões, mas sim de unidade, pois ele, o filósofo, oferece, “desde suas origens do mundo ocidental, os princípios e as diretrizes de um projeto filosófico-pedagógico. Um projeto educacional identificado com a própria filosofia” (PAVIANI, 2008, p. 23).

Paviani (2008, p. 35-36) insiste que Platão teve como “[...] meta a educação moral”. Em seguida, o filósofo manifesta-se quanto ao objetivo fundamental dessa educação e do conhecimento filosófico que elaborou, ressaltando que “consiste em alcançar a excelência humana, os valores morais e políticos, próprios do aperfeiçoamento humano”⁴.

Nessa perspectiva, a proposta educacional de Platão continua válida e seu exame, hoje, se torna necessário; e na pesquisa em questão, relevante. Para isso, somos convidados a refletir sobre o que se entende por educação. Somos levados a compreender o sentido do termo “arete” cujo significado expressa “[...] a busca pela excelência humana, a virtude, as qualidades, os valores de um indivíduo e dos cidadãos” (PAVIANI, 2008, p. 35), embora o referido autor prefira utilizar um termo mais conhecido que é a Paideia. Quanto a esse termo, Jaeger (2013) expõe:

⁴ PLATÃO, *Ibidem*, p. 36.

Na época dos sofistas, surge a Paidéia do homem adulto: O conceito que originariamente designava apenas o processo da educação como tal, estendeu ao aspecto objetivo e de conteúdo à esfera do seu significado, exatamente como a palavra alemã Bildung (formação) ou a equivalente latina cultura. Do processo da formação passaram a designar o ser formado e o próprio conteúdo da cultura, e por fim abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual: o mundo em que nasce o homem individual, pelo simples fato de pertencer ao seu povo ou a um círculo social determinado. A construção histórica deste mundo atinge o seu apogeu no momento em que se chega à idéia consciente da educação. Torna-se assim claro e natural o fato de os Gregos, a partir do século IV, quando este conceito encontrou a sua cristalização definitiva, terem dado o nome de Paidéia a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição (JAEGER, 2013, p. 245-246).

Na concepção platônica, a Paideia constituiu-se no pano de fundo do seu projeto pedagógico. O projeto pedagógico de Platão “assume um papel decisivo na formação da vida política na comunidade ideal. Há um paralelismo entre o desenvolvimento do indivíduo e o da sociedade. As virtudes ou os valores de cada um são as virtudes e os valores da coletividade. A educação é a condição real do Estado ideal” (PAVIANI, 2008, p. 37).

O conceito acabado da Paideia torna-se o ideal educativo da Grécia Clássica. Com o tempo, passou a designar o resultado do processo educativo que se prolonga por toda a vida, muito para além da escola. Até os dias de hoje seus ideais são imitados em, praticamente, todo o mundo, como um perfeito entendimento de formação social do ser humano.

Assim, compreendemos, segundo Paviani (2008):

Todo sistema de ideias oferece uma lógica de conhecimentos que pode ser identificada e examinada em si, e ainda transmitida de uma geração para outras. Porém, uma compreensão e uma interpretação adequadas dependem do ambiente histórico e cultural e de cada modalidade de recepção da filosofia na história (PAVIANI, 2008, p. 37).

Segundo Teixeira (1999, p. 8) na atualidade, “nível de competitividade e a preocupação com o mercado enfatizaram uma educação cada vez mais técnica e intelectual, não se preocupando, com a mesma intensidade, com a dimensão

afetiva, ética e transcendente do homem”. A clássica teoria de Platão nos leva a refletir sobre a importância de

formar o homem em todas as duas dimensões e não somente na dimensão intelectual. Parece-nos insuficiente educar apenas o indivíduo competente e capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho. Urge também, e sobretudo, educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana e, como tal, incidente sobre a sua realidade social, transformando-a (TEIXEIRA, 1999, p. 8).

Para Platão, o conhecimento é resultado daquilo que a alma contemplou no mundo das ideias. Nesse sentido, a educação consiste em despertar no indivíduo aquilo que ele já sabe; e não, se apropriar de um conhecimento estabelecido. A teoria platônica ensina-nos a problematizar.

Antes de Platão, a educação tradicional na Grécia Antiga não é problematizada. Com Platão todo o sistema educacional é posto sob suspeita. Com a nova proposta platônica, educar não significa apenas transmitir os bons hábitos e costumes dos pais para os filhos, aprender música, praticar a ginástica, seguindo o que é considerado bom ou mau, conforme as normas sociais. Não basta que a alma e o corpo sejam formados pelo treinamento, pela imitação, pela memorização, pois as próprias leis têm caráter educacional. O ideal da educação é o bem, o justo, o verdadeiro. Assim, a tradição e os procedimentos sociais, considerados durante longo tempo critérios da educação, agora são questionados. Platão questiona a educação de seu tempo, propõe novas condições para se alcançar uma verdadeira educação (PAVIANI, 2008, p. 45).

Platão deixa um legado por meio de um conjunto de obras que tratam de temas vastos e variados que nos permitem refletir sobre as contribuições que geraram para o objetivo desse estudo que almejou enfatizar o seu caráter educacional.

Em *A República*, obra na qual o filósofo ateniense tece considerações de ordem pedagógica, de forma que a educação a ser praticada no seu Estado ideal faça com que os cidadãos que dele seriam membros cooperem entre si mesmos, de tal modo que vivam na mais perfeita harmonia social humanamente possível.

Conforme reflete Abbagnano (2014), na obra *Alegoria da Caverna*:

Platão compara o Bem ao Sol, que dá aos objetos não só a possibilidade de serem vistos, como também a de serem gerados, de crescerem e de nutrir-se; e, assim como o Sol que, mesmo sendo a causa dessas coisas, não é nenhuma delas, também o Bem como fonte da verdade, do belo, da cognoscibilidade, etc. e, em geral, do ser, não é nenhuma dessas coisas e está além delas (ABBAGNANO, 2014, p. 107).

Sem a pretensão de esgotar as contribuições do ideário platônico, elencamos dois aspectos presentes na prática educacional escolar atual que trata do ritmo e o tempo de aprendizagem de cada aluno e a utilização de planejamentos e metodologias na prática pedagógica.

Para as abordagens que se seguem, levamos em consideração o ideário pedagógico decorrente de Platão, uma vez que a educação pensada por esse filósofo ateniense se encontra ordenada em seu projeto que concebe o ser, o conhecer e o agir.

3.1.1 O ritmo e o tempo de aprendizagem de cada aluno

Aos nos debruçarmos a abordar o ritmo e o tempo da aprendizagem dos alunos na contemporaneidade, somos remetidos a compartilhar das ideias platônicas, dentre as quais, defende que, para haver a educação, faz-se necessário considerar o ser. Nessa perspectiva, trataremos do ritmo e o tempo de aprendizagem de cada discente.

Sabemos que, ao educar na coletividade, ou seja, uma sala de aula composta por diversas e diferentes pessoas, é requerido muito cuidado quanto ao respeito e às particularidades de cada aluno. Faz-se necessário compreender o desenvolvimento individual, para posteriormente pensar esse aluno em um contexto mais amplo. Ou seja, significa que o professor deve contribuir com o aluno, preparando-o para viver e se relacionar na sociedade.

Platão pode ser considerado como o primeiro pedagogo, não só por ter concebido um sistema educacional para o seu tempo, mas principalmente, por tê-lo integrado a uma dimensão ética e política. Para esse pensador, o objetivo final da

educação era a formação do homem moral, vivendo em um Estado justo. O que não é muito diferente das políticas públicas e teorias da educação na contemporaneidade que prima por uma educação democratizada que visa ao pleno desenvolvimento e formação cidadã dos indivíduos.

Platão não aprovava a educação que se praticava na Grécia em sua época e que estava a cargo dos sofistas, incumbidos de transmitir conhecimentos técnicos - sobretudo a oratória - aos jovens da elite, para torná-los aptos a ocupar as funções públicas.

Também como contribuição para à estrutura da educação de hoje, Platão partiu do princípio de que os cidadãos que têm o espírito cultivado fortalecem o Estado e que os melhores entre eles serão os governantes. O filósofo defendia que toda educação era de responsabilidade do Estado, princípio que se difundiu no Ocidente séculos depois.

A educação, segundo a concepção platônica, visava à formação dos cidadãos, e esta começaria antes mesmo do nascimento, pelo planejamento. Platão defendia a ideia de que a alma precede o corpo e que, antes de encarnar, tem acesso ao conhecimento.

Dessa forma, todo aprendizado não passaria de um esforço de reminiscências, isto é, de lembranças. Com base nessa teoria, que não encontra eco na ciência contemporânea, Platão defendia uma ideia que, paradoxalmente, sustenta grande parte da pedagogia atual: não é possível ou desejável transmitir conhecimentos aos alunos, mas, antes, levá-los a procurar respostas, eles mesmos, a suas inquietações. É importante que, hoje, os professores, em um trabalho integrado e integrador com outros profissionais da escola, instiguem os alunos a pesquisarem, a satisfazer sua curiosidade nata.

Por essa razão, só podem comprometer-se [...] professores capazes de trabalhar em equipe para planejar progressões didáticas [...] antecipar e identificar os problemas, dividir as tarefas, introduzir regulações necessárias (PERRENOUD, 2004, p. 42-43).

Nessa perspectiva, o filósofo rejeitava métodos de ensino autoritários, o que hoje também é rejeitado na realidade cotidiana do processo de ensino e

aprendizagem educacional. Platão acreditava que era muito mais viável deixar os estudantes, especialmente as crianças, à vontade para que pudessem se desenvolver livremente. Nesse ponto, a pedagogia de Platão se aproxima de sua filosofia, em que a busca da verdade é mais importante do que verdades prontas e acabadas. Daí torna-se fundamental reconhecer que cada aluno vive momentos ímpares e que seu ritmo e seu tempo de aprendizagem são únicos para se lançarem à construção de conhecimentos em diferentes espaços e ambientes de aprendizagem escolares e não escolares (KRUG, 2002).

Nesse contexto, encontramos o processo dialético platônico que se pauta pelo debate de ideias e que também se relaciona com a procura de respostas durante o aprendizado. A teoria platônica permite que os atores envolvidos na educação contemporânea compreendam esta como uma exigência de que cada um, professor ou aluno, tenha liberdade para pensar e produzir seus próprios saberes, formar suas concepções. E nesse processo, o docente constitui um mediador dessa busca.

O desenvolvimento do pensamento crítico, proporcionado pela filosofia, permite que os indivíduos adquiram maior autonomia sobre as decisões e atitudes tão necessárias na interação com o mundo em que vivem. Permite que cada pessoa seja capaz de pensar por si mesma e deixe de ser mero espectador de uma “indústria cultural” que massifica e aliena.

Vale enfatizar que a filosofia platônica não aceita ações que configurem atividade de massa. Para ele, “a Filosofia não é uma atividade de massa, antes, pelo contrário, é impossível que a multidão seja filósofa. A Filosofia é uma atividade grandiosa e por demais sublime para estar nas mãos de todos” (TEIXEIRA, 1999, p. 42).

Outra convicção platônica diz respeito à crença de que, por meio do conhecimento, seria possível controlar os instintos, a ganância e a violência. O acesso aos valores da civilização, portanto, funcionaria como antídoto para todo o mal cometido pelos seres humanos contra seus semelhantes. Hoje, a educação escolar em si busca essa conquista, isto é, a educação como um instrumento para a formação de homens sábios e virtuosos (GIMENO SACRISTÁN, 2001).

A aproximação da questão platônica com a situação atual permite perceber com “objetividade o quanto a arete platônica, tem uma dimensão ética. Hoje,

empregamos os conceitos de valor, de virtude, de qualidade, de excelência” (PAVIANI, 2008, p. 55). Essas são dimensões que estão, intrinsecamente, entrelaçadas e na articulação desses aspectos, encontramos presente a reflexão filosófica e a prática pedagógica.

A aprendizagem dos alunos não se dissocia do ensino praticado pelos seus professores. A atuação destes últimos deverá convergir no sentido de proporcionarem propostas de atividades que promovam, nos alunos, o desenvolvimento da compreensão dos conceitos e dos processos de uma forma que estimule, simultaneamente, a capacidade de resolver problemas, de raciocinar e de se comunicar.

Sabemos que nem sempre os professores levam em conta o ritmo e o tempo próprio para aprender de cada aluno; desconsideram, assim, suas especificidades. Também, alguns professores utilizam a mesma metodologia para desenvolverem seus planos de aulas, acreditando que todos aprendem da mesma forma. Há, ainda, outra realidade que se encontra presente nas estratégias de avaliação da aprendizagem, a qual, muitas vezes, apresenta um caráter muito mais punitivo que educativo. Em todo o contexto discorrido, ainda há a desconsideração das habilidades e essa ausência acaba determinando quem aprenderá e quem não aprenderá.

Com base na reflexão acima, partimos para o foco principal do nosso estudo que é discorrer sobre os mitos que se encontram presentes na educação fazendo aporte em Platão. Diante do exposto, podemos retomar a *Alegoria do Mito*, no livro VII de *A República*, conforme explanado no capítulo 2 desta pesquisa. Platão fala sobre o “mito” da caverna, usando uma alegoria para explicar suas teorias, pois para ele, nessa caverna viviam pessoas que foram acorrentadas desde a infância sem poderem olhar para a entrada da mesma. Naquele espaço, enxergavam apenas a parte do fundo da caverna. As únicas imagens que viam era sombras refletindo a parte externa da caverna. Para que conseguissem ver o que acontecia além das sombras, era necessário se desprender das correntes, embora antes fosse necessário se acostumar com a claridade, visto que tinham passado a vida toda na escuridão.

A mensagem das ideias de Platão para a leitura das teias que envolvem o processo da educação desde sempre – e aqui nos atemos à atualidade – mostra-

nos uma exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade. Entendemos assim:

O método platônico é mais que um instrumento argumentativo. Ele implica uma revisão fundamental dos fins da filosofia e do que se considera uma argumentação filosófica válida. A filosofia, ao ver de Platão, não prova a partir de princípios primeiros, mas parte de convicções previamente aceitas (e em particular da convicção de que a diferença entre o verdadeiro e o falso é uma diferença real), e estabelece os princípios que apoiam tais convicções. Na argumentação filosófica propriamente dita, como Platão a concebe, os princípios vêm ao fim. A filosofia sempre começa *in medias res* (SCOLNICOV, 2006, p. 32-33).

Mediante as premissas das teorias clássicas citadas e uma reflexão sobre a educação ao longo de sua história até o momento atual, recaem tantas buscas e discussões acerca de uma metodologia “certa”, práticas que consigam efetivamente romper com a ignorância. Ratificamos nossa convicção de que o ritmo e o tempo de aprendizagens de cada aluno são aspectos inerentes ao processo educacional. Estes aspectos, quase sempre, se resumem a um mito, por ser apresentado como uma teoria que nem sempre se aplica à prática.

Dessa forma, é necessário que o professor tenha um olhar e uma escuta apurada quanto ao conhecimento dos alunos; e não simplesmente, imponha o seu ritmo de trabalho. Toda criança apresenta um ritmo único no processo de evolução, assim como, cada pessoa tem uma história particular e única, formada por sua estrutura biológica, psicológica, social e cultural. Isto significa dizer que uma criança engatinha, fala, anda etc., precoce ou tardiamente em relação uma às outras. No processo de aprendizagem ocorre o mesmo com o aluno.

Dizer que existe uma receita pronta para tratar de educação seria uma falácia. Não existem caminhos pré-estabelecidos que possam ser seguidos pelos professores, de maneira que estes possam conduzir os processos de ensino e de aprendizagem, em especial, com a categoria “ritmo de aprendizado” de cada indivíduo, independente da faixa etária.

Para que isso ocorra, o professor deve ter conhecimento de como a aprendizagem se processa e se consolida. Não basta elaborar atividades, acreditando que todos os alunos terão sucesso ao realizá-las.

Cabe ao docente o papel de mediador como articulador no desenvolvimento do educando e na formação de sua cidadania. O professor deve ser capaz de se fazer como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o educando aprenda a pensar, a questionar, a procurar respostas, e assim, ser ator ativo na produção de saberes.

Esse processo não pode ser universal nem definitivo; ele é provisório, em muitos sentidos. Trata-se da busca de emancipação e liberdade para que o aluno, dentro de seu ritmo e, por meio das interações mediadas, crie suas estratégias de aprendizagem.

Isto significa que o papel docente está relacionado ao ato de provocar a curiosidade do educando estabelecendo uma conexão a partir das quais os alunos deverão atuar. Sim, a palavra é atuar, pois dessa forma os alunos tornam-se sujeitos construtores de seu conhecimento.

Os alunos aprendem observando, participando, criando e elaborando situações que sejam do seu interesse e que ajudem a dar respostas às suas perguntas. Aprendem relatando suas conclusões, através da busca coletiva ou individual de informações. É com base nesses dados que o professor precisa colocar em prática métodos de trabalho que melhor atendam ao conteúdo que está sendo desenvolvido (VYGOTSKY, 2007).

Sendo assim, o professor não pode permanecer com concepções arraigadas de que todos aprendem pelo mesmo processo e no mesmo ritmo. Desse modo, considerar a mediação como um aspecto relevante dentro do processo educacional torna-se um avanço em relação aos aspectos qualitativos do trabalho docente.

A formação de sujeitos autônomos e produtivos deve ser o objetivo central da educação, pois, por meio dela, professores e alunos reciprocamente aprendem, de modo que assim ambos possam atuar ativamente nas mudanças e transformações, no processo histórico e na sociedade.

A teoria platônica nos permite pensar uma Paidéia crítica que necessita ser retomada para estabelecer objetivos, orientação e finalidade da educação que hoje se pratica.

3.1.2 Utilização de planejamentos e metodologias na prática pedagógica

A partir de Platão, constitui-se a racionalidade ocidental, embora não possamos desconsiderar que as ideias platônicas são frutos da época por ele vivenciada. Ou seja, o filósofo viveu Grécia da Antiguidade, diferente do que é hoje, mas, naquele tempo, estava configurada politicamente não em um Estado, mas sim, em cidades. Estas eram denominadas *Pólis* ou Cidade-estado, possuindo governos próprios e independência política e econômica entre si; cada qual detinha diferentes modos de organização interna. Foi uma época marcada por muitas disputas e guerras entre as cidades-estado gregas.

Em uma realidade diferenciada, especialmente por sabermos que há mudanças e transformações no processo histórico humano, hoje ainda, podemos retomar as contribuições das ideias de Platão para pensarmos a educação atual. De acordo com a teoria platônica, a educação deveria ser fornecida pelo Estado, que tem a responsabilidade de formar seus cidadãos, estendida a todos os habitantes da *pólis* e utilizada como um veículo de seleção e avaliação das aptidões de cada um.

O projeto educacional de Platão envolve a passagem do sensível para o inteligível, e essa passagem supõe a unidade de uma pluralidade. A unidade remete para a ideia que é eterna e imutável. Sem a unidade da ideia é impossível pensar a diversidade ou a multiplicidade do sensível. Por sua vez, o desdobramento dessas questões influi na explicitação das relações entre o indivíduo e o coletivo, o lógico e o psicológico (PAVIANI, 2008, p. 57).

A construção do conhecimento constitui, assim, no platonismo, uma conjugação de intelecto e emoção, de razão e vontade. Assim, como Platão, o planejamento e as metodologias pedagógicas a serem adotadas, norteadas pela democratização da educação, valorizam os métodos de debate e conversação como formas de se alcançar o conhecimento.

Segundo Platão, os alunos deveriam descobrir as coisas superando os problemas impostos pela vida. A educação deveria funcionar como forma de desenvolver o homem moral.

A maiêutica se traduz, na realidade, como uma ferramenta para a busca, ou seja, a pesquisa em comum. Hoje, o planejamento eficaz é aquele capaz de refletir a Maiêutica, ou seja, a promoção de um ensino cotidiano, baseado no diálogo, trazendo à luz o conhecimento que o indivíduo possui e aquele que ele passa a produzir a partir do desvelamento de sua visão. Para isso, torna-se necessário o incentivo à pesquisa cujas descobertas permitirão a cada indivíduo a contemplação da verdade.

Diante disso, o professor como um profissional deve ter o domínio de conhecimentos e estratégias para delinear seu trabalho em sala de aula. O que significa dizer que, ao estabelecer os objetivos a serem atingidos, ele deverá trabalhar com a metodologia pedagógica adequada, levando em consideração o público com o qual vai atuar.

Nesse sentido, reforçamos a relevância do planejamento de ensino adequado, sendo esta uma das atribuições docentes, materializado no plano para ministrar suas aulas.

A metodologia, e em especial, as estratégias de ensino são utilizadas pelo professor, para se atingirem os objetivos de ensino que se pretende alcançar, ao trabalhar com um determinado assunto ou tema.

As metodologias utilizadas pelo professor são, também, formas de avaliar que recaem na tríade “transmitir-verificar-registrar”, devido à própria formação, que estabelece que seja necessário “aferir” o que se aprendeu, ou não. Esse tipo de avaliação revela uma postura conservadora dos professores e que transforma a avaliação em um fenômeno com características reprodutivistas.

Dessa forma, é necessário que o professor crie e utilize procedimentos metodológicos adequados ao conteúdo que está trabalhando e às intencionalidades dos envolvidos, considerando a reciprocidade ou não por parte desses. Faz-se importante lembrar que toda ação implementada nos processos de aprendizagem intervém no processo de desenvolvimento do aluno.

Outro aspecto importante que deve ser levado em consideração pelo professor é o fato de que a metodologia sozinha, por melhor que possa parecer, não dá conta da complexidade do ensinar e do aprender. O que equivale dizer que os problemas de aprendizagem não se restringem às dimensões técnicas.

O processo de aprendizagem é complexo. Para poder consolidá-lo, é necessário foco sobre a sala de aula no sentido de se buscar condições necessárias para que o aluno seja sujeito na construção do próprio conhecimento e possa atuar na sociedade e transformá-la. Dessa forma, é difícil admitir uma formação baseada, exclusivamente, na repetição dos conteúdos, na obediência ao professor e na formação submissa, ou seja, uma educação “bancária” conforme crítica freiriana.

Observamos que é importante pensar uma educação que norteie caminhos para a construção de saberes de modo autônomo. Faz-se necessária a preocupação e cuidado em formar cidadãos capazes de exteriorizar suas habilidades cognitivas, facilitando o enfrentamento de situações práticas.

As mudanças devem ocorrer com o objetivo de se tentar uma melhoria na educação brasileira. No entanto a preparação do professor, na formação inicial, na universidade, fica a desejar, pois prevalece o modelo que costumamos chamar de tradicional, no qual o professor é detentor do saber e o aluno é uma “folha em branco”.

Essas concepções, que ficaram arraigadas ao longo da história, e que permeiam a prática do professor em sala de aula, afetando o processo ensino e aprendizagem, a ponto de se travestirem de mitos incontestes, estabelece uma relação que não permite ao aluno se colocar como sujeito construtor de seu conhecimento.

Dessa forma é preciso que o professor reflita a respeito da produção de conhecimento do aluno para conduzi-lo à superação, ao enriquecimento do saber que permita que ele atue em sua vida pessoal e social como sujeito crítico e consciente.

No contexto do estudo, percebemos que a mensagem filosófica dá suporte para se pensar a educação atual enquanto exercício da cidadania. Esse caminho possibilita reflexões críticas para o debate sobre propostas teóricas e ação prática cotidiana no processo de ensino e aprendizagem escolar, visto que hoje, o que se mantém é uma ressignificação do mito nos mais variados âmbitos do processo de ensino e aprendizagem docente e discente.

Assim, as reflexões elaboradas e apresentadas se alicerçaram na pedagogia platônica, que, em particular, decorre de sua filosofia em geral. O ideário pedagógico que Platão concebe, articula e desenvolve na sua obra *A República* traz o resultado

dos seus esforços e dos seus propósitos no sentido de se concretizar a sua filosofia da educação.

Não há como negar as contribuições do pensamento platônico para à educação ocidental, expressos especialmente na contemporaneidade. Devemos à capacidade intelectual de Platão um grandioso legado cujos princípios serviram de subsídios e nortearam diferentes campos do saber, entre eles, a pedagogia. A filosofia platônica tornou possível a construção de teorias e de práticas pedagógicas voltadas à formação educacional para a cidadania, preocupação que norteia o processo educacional na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propôs contemplar as contribuições do pensamento platônico para a educação contemporânea constituindo assim, na problemática e objetivo primário que norteou a pesquisa. Para tanto, teve como pano de fundo, a *Alegoria da Caverna* ou *Mito da Caverna*, ou seja, o ideário platônico destacado especialmente na obra *A República*, para as análises e discussões realizadas no decorrer da investigação realizada.

A *República* é uma obra que contempla a ideia de uma vida alternativa àquelas existentes, especialmente no interior da caverna. Nesse ponto, evidencia-se a relevância da educação no pensamento de Platão, o ideário platônico para a busca por edificar uma sociedade capaz de pensar e se ver além das próprias sombras. Nessa perspectiva, Platão é o primeiro pensador a defender o caráter público da educação, entregando ao poder público comunitário a responsabilidade não só de sua execução como também de sua formulação teórica.

Consideramos ser de grande importância as reflexões acerca dos mitos na conjuntura educacional e no contexto da aprendizagem do educando. Assim esta abordagem contribuiu para repensarmos a Educação hoje e nesse sentido, a partir de estudos, pesquisas e reflexões constatamos que, ao se adotar uma proposta metodológica de ensino, esta opção deve estar intrinsecamente ligada ao tipo de indivíduo que se pretende formar. Esta é uma grande responsabilidade, ao pensarmos que a formação deverá se constituir em um processo capaz de ver o indivíduo de modo integral e não somente em partes. Por isso, compartilhamos da teoria de Platão que diz ser o mito uma forma de conhecimento inferior à filosofia, porque é baseado sobre na intuição que não tem como ser demonstrada.

O mito em Platão possibilita-nos acreditar que, para ocorrer o processo de ensino e aprendizagem de modo efetivo, temos que pensar uma educação sem mitos. Para tanto, devem-se utilizar alternativas que possam levar em consideração o ritmo, o tempo, a percepção de aprendizagem de cada educando. Ainda, faz-se importante respeitar o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do aluno, além de se ter uma concepção que entenda a aprendizagem e a educação como direitos de

cidadania. Vale ressaltar que reconhecemos que ainda vivemos e convivemos com vários mitos.

Assim, a educação deve levar em conta a totalidade do ser humano, sua complexidade, pois, corremos o risco de fragmentá-lo e considerar só um foco de suas dificuldades e deixar de buscar em suas habilidades e competências, sua interiorização na compreensão de si mesmo (na construção do seu próprio conhecimento). Nessa perspectiva a educação precisa olhar o aluno como um ser único, respeitar seu ritmo e seu tempo e, assim, fazer valer sua individualidade; Reconhecer nos desafios um novo meio de replanejar sua forma de ensinar é pertinente sempre. A educação pratica as interações e não as divisões. Sendo o ritmo e o tempo de aprendizagem do indivíduo levados em consideração, acredita-se estar praticando o seu direito de consolidar o conhecimento.

Como já abordado, o conceito de mito por muito tempo fora entendido como várias denominações e até mesmo uma ideia que perpassa o senso comum de que seja uma imaginação, uma lenda.

Nesse processo, o estudo possibilitou refletir que é importante repensar se ainda carregamos e produzimos mitos com relação aos nossos alunos e, trabalhar a abdicação de tais práticas para criar dentro das escolas uma busca por alternativas que trarão ao educando ao educando uma aprendizagem com qualidade, atingindo os mais elevados anos graus de escolaridade. Principalmente, torna-se imprescindível que esse educando tenha melhores oportunidades de construir seus conhecimentos dentro de seu ritmo e de seu tempo de aprendizagens. Nessa direção, é mister orientá-lo para enfrentar as barreiras, tanto na vida social quanto em sua vida particular. Para tanto é necessário criar metodologias de aprendizado que proporcionem a auto-organização e a preparação para a vida coletiva.

Para trabalhar e compreender esta reflexão não basta só ser professor; é preciso ser educador, pois sabemos que este último é aquele que intermedeia o conhecimento. O educador oportuniza ao aluno a produção do conhecimento, aponta caminhos, reconhece, nesse principal ator, na sala de aula, suas inteligências múltiplas e assim, trabalha no sentido da sua promoção e valorização; e não, depositando-lhe conteúdos.

Portanto, trazemos à luz da reflexão as contribuições inegáveis de Platão, permitindo-nos identificar que somos capazes de atuar na formação do indivíduo,

quebrando paradigmas e dando lugar às ideias. Embora o pensamento platônico seja considerado ultrapassado por muitos, defasado, ou mesmo desatualizado, neste estudo, o ideário de Platão, especialmente o ideário pedagógico se mostrou perfeitamente atualizado, completo e abrangente em seus aspectos da busca do conhecimento. Principalmente, se pensarmos em um diagnóstico da nossa realidade educacional, uma vez que ele, Platão, já questionava a educação que não formava o homem para a vida da *polis*.

O pensamento platônico acerca do mito e da educação é uma abordagem clássica. A educação já há muito tempo, vem sendo questionada no que se refere a ações que melhor atendam à formação plena dos alunos, já discutida por Platão. Essa proposta prevê oportunizar a estes o seu direito à educação com um ensino de qualidade, com acesso e também com a permanência, construindo o conhecimento por meio de um currículo diferenciado que respeite cada fase do desenvolvimento humano, podendo assim, permitir-lhe exercer seu direito à cidadania.

Em um tempo em que a Escola e a Sociedade clamam por uma Educação que atenda à diversidade, a construção do conhecimento se manifesta a partir da percepção e das ideias de cada ser humano. As contribuições daí advindas repercutem, decisivamente, para o desenvolvimento de criatividade e criticidade. Retomo, novamente, os diálogos propostos por Platão em sua obra celebre *A República* (518a –c, p.320) “[...] a educação não é o que alguns apregoam que ela é”.

O pensamento e ideário pedagógico de Platão, analisados à luz da educação contemporânea revelam que é um equívoco considerar que o conhecimento pronto e acabado, pautado somente nos livros didáticos e nos currículos distanciados da realidade aplicada, pode formar cidadãos em plenitude. A reprodução de mitos, apenas, servirá para reforçar um tipo de sociedade e de valores que não atendem à diversidade social e à pluralidade cultural, aspecto este já criticado por Platão na Antiguidade grega.

Cada vez mais, a teoria platônica nos possibilita confirmar que a construção do conhecimento tem que partir do tempo de cada um, respeitando sua individualidade e suas peculiaridades ao aprender.

O momento atual requer uma Educação mediadora na produção de conhecimentos. Dessa maneira, a escola assume seu papel que é o de formar

cidadãos; e não apenas, a transmissão de conhecimentos sem crivo crítico. Precisamos atender ao objetivo de uma educação que liberta e não aprisiona. Não queremos manter os indivíduos na caverna ou para aí retornar. A nós, sociedade e professores, cabe o papel do filósofo, pois este não se entrega às impressões sensoriais e nem se rende a opiniões. Ao contrário, o filósofo é aquele que orienta para o saber verdadeiro (JAEGER, 2013). E sendo assim, na perspectiva da filosofia, a educação, por meio de seus profissionais, tem a função pedagógica de não se render ao mero papel de repassar concepções e opiniões em forma de conhecimentos, legitimando uma metodologia de ensino que opta pela fragmentação dos conteúdos. O conteúdo deve ser meio; e não, fim em si mesmo para a aprovação, para a retenção ou para a reprovação do aprendizado.

Podemos refletir e inferir, segundo a teoria platônica, que a educação não pode canalizar o foco, exclusivamente, no conteúdo, deixando com que recaia sobre o aluno toda a responsabilidade de aprender, esquecendo-se de que o ser humano é um ser social, o que faz dele um aprendiz pelas interações com o meio.

A escola no papel de educadora precisa contemplar a pluralidade, a divergência que prossegue com o debate e com o crescimento mútuo. E assim, a educação não percebe que, em muitas situações, pratica um mecanismo velado de exclusão do aluno, ao tempo em que não lhe permite o afloramento criativo e crítico do fazer e do aprender. A hora é inclusão; e não, de exclusão.

Neste sentido, a educação não pode considerar que todos os educandos são iguais, que aprendem no mesmo ritmo e espaço de tempo, pois não leva em consideração a identidade e as especificidades de cada ser humano, deixando de levar em conta a diversidade cultural, social, política e cognitiva presentes em cada indivíduo.

Quando a educação não leva em conta as particularidades dos educandos, ela perde a capacidade de mediar a formação de todos ou pelo menos construir um índice satisfatório de indivíduos críticos capazes de mudar a sociedade a que pertencem. Infelizmente, alguns se apresentam alienados à espera de que o outro decida por ele aquilo que não consegue enxergar, raciocinar e decidir.

Novamente, retomamos o ideário de Platão no diálogo com Glauco em *O Mito da Caverna* que nos apresenta, claramente, a constatação da ausência de certos indivíduos em terem uma opinião própria, formada a partir de suas reflexões, uma

vez que não foi estimulada a criatividade, a percepção e a sensibilidade, muito menos permitida a criticidade, resultando muitas vezes na configuração de homens acorrentados na caverna, na ignorância.

Na perspectiva da reprodução de mitos, a educação contemporânea acaba por abandonar a proposta de formação plena para uma cidadania de fato. Assim é papel da educação contemporânea refletir sobre as influências ocasionadas pelos mitos, seja na conjuntura educacional, seja no contexto da aprendizagem do educando.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BATISTA, Gustavo Araújo. O ideário pedagógico platônico n'A República. **Revista Educação Unisinos**. V. 17, n. 1, p.28-39, janeiro/abril, 2013.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 199.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIMENO SACRISTÁN, José. **Educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Tradução: Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KRUG, Andréa. **Ciclos de formação: uma proposta transformadora**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. (Org.) **Filosofia e educação: aproximações e convergências**. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.
- PAVIANI, Jayme. **Platão e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PERRENOUD, Philippe. **Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PLATÃO. **A República**. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- _____. **Cartas**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2008.
- _____. **Diálogos**. Bauru: Edipro, 2007.
- _____. **Teeteto**. Tradução: Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Gulbenkian, 2005a.
- _____. **Fédon**. Belém-PA: Editora UFPA, 2011.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.
- REDE, Marcelo. **A Grécia Antiga**. São Paulo: Saraiva, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Educação do senso comum à consciência filosófica**. 18. Ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o Problema Educacional**. São Paulo: Edições Loyla. 2006. [GAB4]

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A Educação do Homem Segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Tradução: Joana Angélica D' Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **As Origens do Pensamento Grego**. 20. ed. Tradução: Isis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

VYGOTSKY. L.S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.